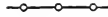




3 1761 08110149 5

DA
560
L35

PALMADAS
NA PANÇA DE JOHN BULL



FOGUETE DE GUERRA

OFFERECIDO A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

POR

FERNANDO LEAL



S. PAULO
GRANDE LIVRARIA PAULISTA
DE
TEIXEIRA & IRMÃO
54 A—Rua de S. Bento—54 A

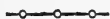
—
1884



PALMADAS NA PANÇA DE JOHN BULL

Porto — Imp. Civilisação — 1884

PALMADAS
NA PANÇA DE JOHN BULL



FOGUETE DE GUERRA

OFFERECIDO A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

POR

FERNANDO LEAL



PORTO

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS—EDITOR

—
1884



DA
560
L35

A

CAMILLO CASTELLO BRANCO

*A proposito
do seu recente e deliciosissimo livro*

O VINHO DO PORTO
PROCESSO DE UMA BESTIALIDADE INGLEZA

*E em signal de antiga, profunda e convicta
admiração liberrima*

D.

F. L.

1940

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

RECORDS

1940

General.

Acabo de vêr atravessar o espaço, n'uma trajectoria de enorme alcance, a formidavel bomba, que, do seu reducto de S. Miguel de Seide, o meu general lançou contra a couraçada pança de John Bull. Tenho, comtudo, sincera pena que essa grande bomba não possa fazer ir pelos ares o nosso fiel e antigo alliado. Essa descompassada besta, como o general diria, é a encarnação mais completa da materia bruta; semelhante alimária não rebenta a bombas de espirito, nem que fossem de espirito de vinho, quanto mais sendo carregadas, como a de V. Exc.^a, apenas com o que ha de mais explosivo na bôa e bella e rija graça portugueza. Entretanto, se elle, o suino John Bull, é refractario á bomba do general, não me succedeu isso a mim, a quem ella ia fazendo rebentar—de riso,

já se entende—como terá succedido a todos os leitores do seu impagavel «Vinho do Porto», que é infinitamente mais delicioso que o de 1815 e mais hilariante do que o ar saturado de oxigenio.

O certo é que esse projectil colossal, com a fórma, a grandeza e o fulgor dos astros, atravessando o espaço a uma incalculavel altura acima da minha cabeça deslumbrada pelo espectáculo, descreve com a suprema elegancia das ellipses planctarias a sua parabola no ether e deixa um luminoso e indelevel rasto no firmamento da litteratura patria.

E eu, bisonho franco-atirador das letras, feita a minha continencia á bomba que passa no zenith, bem como ao artilheiro consummado que a disparou, peço licença para tambem deitar,

em honra do general e contra o inimigo—este simples foguete de guerra.

Ninguem tem o direito de vêr n'esta homenagem, fraca mas franca, uma adulação ao general. Não sou, como tantos, um soldado cortezão. Na universal e massante campanha do bom senso e do bom gosto contra a apocalyptica besta a que chamarei a Estupidez das gentes, campanha em que V. Exc.^a ganhou tantas cicatrizes gloriosas no peito como nas costas, porque ninguem se livra de covardes, eu—atrevo-me a falar de mim!—entrei tambem, ha poucos annos, e tenho combatido, rarissimas vezes porque me escasseiam alentos e munições, mas sempre por minha conta e risco, livre e só, como um guerrilheiro independente e não como um CONDOTTIERI das guerras do pensamento. Nunca me

quiz alistar em regimentos litterarios. Nunca recebi nem dei ordens. Nunca acceitei o santo e a senha de qualquer estado-maior. Tambem, nunca empreguei os ocios da paz ou as tréguas da guerra, intrigando em quarteis, presidios ou acampamentos; e, finalmente, nunca fiz fogo obliquo, nas trevas e á traição, acobertado por cestões de insidias e de allusões irresponsaveis, contra camaradas servindo de qualquer lado da trincheira; nem tão pouco me occultei atraz de gigantes para lançar, e ainda assim de vizeira cahida, dardos civados a guerreiros de estatura mais ou menos ordinaria.

Em summa, sou tanto um soldado cortezão, que, tendo sido, ha já mais de quatro annos, louvado por um feito de lettras em uma ordem do dia pelo general, de quem aliás não tenho a

honra de ser conhecido pessoalmente, ainda hoje lhe não agradece esse louvor inestimavel. Porque, na minha irremediavel rudeza, entendo haver quebra de disciplina quando um soldado agradece a um chefe a condecoração que este julga dever-lhe conferir.

E, comtudo, esta carta não tem sido, até aqui, senão um acervo de insubordinações... Pois seja-me licito commetter a derradeira, com o manifestar aqui a minha sentidissima admiração por tantas batalhas que V. Exc.^a ganhou em toda a sua gloriosa vida—nomeadamente por aquella a que eu ousou chamar o seu Austerlitz e que se intitula: AMOR DE PERDIÇÃO! —por essa onde brilha com o mais vivo fulgor a apaixonada, a tragica e, principalmente, a amorosa alma portugueza, a mesma que de-

vassou os céos com Pedro Nunes, que devassou os mares com Magalhães e Gama, que devassou os continentes com Pero da Covilhã e Fernão Mendes, a mesma que amou e combateu com Amadis de Gaula, que amou e odiou com Pedro, o Cruel, que amou e soffreu com Bernardim Ribeiro, com Ignez de Castro, com Manoel de Sousa Coutinho, a mesma emfim que amou, soffreu, chorou, combateu, cantou e remontou á immortalidade com Luiz de Camões.

Deus guarde a V. Exc.^a muitos annos, meu prezado e respeitadissimo general, consoante hão mister a lingua e a litteratura nacionaes, ameaçadas pela triplíce invasão franceza capitaneada pelos logar-tenentes do Napoleão do naturalismo, Gustavo Flaubert: os famosos generaes Jannot-Goncourt, Soult-Zola e Massena-Daudet.

*Quartel na torre de S. Julião... digo:
n'uma trapeira do largo de S. Julião em Lis-
boa, 25 de junho de 1884.*

Fernando Leal.

1917

THE BANK OF AMERICA

FOR THE YEAR ENDING DECEMBER 31, 1917

ASSETS

U.S. Government Bonds	10,000,000
U.S. Government Notes	5,000,000
U.S. Government Securities	5,000,000
Other Government Securities	5,000,000
Real Estate	10,000,000
Loans	10,000,000
Other Assets	5,000,000
Total Assets	50,000,000

LIABILITIES

Deposits	40,000,000
Other Liabilities	10,000,000
Total Liabilities	50,000,000

The Bank of America is a member bank of the Federal Reserve System and is authorized to do a full banking business in all the States of the United States.

PALMADAS

NA PANÇA DE JOHN BULL



*Allons, enfants de l'Ibérie,
Le jour de boire est arrivé;
Contre nous de l'ivrognerie
Le drapeau marchand est levé!*

*Le voyez-vous, dans nos campagnes,
Ce vin qu'on exporte là-bas?
JOHN BULL devient si rouge et gras,
Dépouillant vos fils, vos compagnes.*

*Debout, Ibériens! Prenez tire-bouchons!
Buvons! qu'un vin si pur n'abreuve ces cochons!*

(MARSELHEZA PENINSULAR).

*

* *

John Bull é o *avatar* moderno e traficante de John Falstaff—o centauro do porco—na phrase de Victor Hugo.

*

* *

Diccionario politico internacional.

METWEN (*Tratado de*)—Nome que sôa: *mette o n*, e que os portuguezes traduzem: *mette a unha*; porque, se o trocadilho é de mau gosto, como todos os trocadilhos, o tratado d'esse nome é, para os portuguezes, de muito peor gosto ainda. A Inglaterra, com esse tratado, metteu a unha e, atraz da unha, a mão e o braço todo até ao sovaco—na algibeira de Portugal.

D'este e d'outros factos se deprehende, que a respeitavel associação dos honrados racioneiros de Londres, os senhores *pick-pockets*, a qual tem aulas e cursos perfeitamente organisados, onde se ensina a nobre arte de furtar com dextreza e perfeição, pôde gabar-se de ter no *Foreign-Office* a sua escóla superior, a sua academia suprema.

*

* *

A India, essa presa enorme, cobiçada e ás vezes empolgada, nos tempos mythologicos por semi-deuses como Rama, Crishna e Baccho, nos tempos historicos por leões-aguias como Dario, Alexandre, Mahmud o Gaznevide e Tamerlão, por Baber o *tigre* e pelo seu contemporaneo Albuquerque o *terribil*, finalmente por Aureng-Zeb, Dupleix e Bonaparte; a miseranda, a veneravel India, a augusta mãe dos povos, *alma parens gentium*, o verdadeiro Prometheu que um dia, na origem dos tempos, roubára ao Jupiter dos Aryas de Leste—Indra—a centelha da mais remota civilisação; essa grande e illustre India, ante a qual o mundo inteiro deve-ra curvar-se grato e reverente, estava predestinada a cahir, vergada ao pezo de seis

mil annos, sob as garras sujas de um abutrepouso: o caixeiro inglez Roberto Clive!

A astucia, de mãos dadas á rapacidade, conseguiu mais do que a força alliada ao genio: espectáculo tanto mais desanimador que é frequente na historia de todos os povos!

Novo Caim mais perverso do que o primeiro, o povo inglez não matou Abel, fez peor: deshonorou Eva!

Sim, aquelle immenso attentado contra a India é peor e maior do que um matricidio. Tirar a vida a quem nol-a deu, sendo um crime enorme, é quasi nada comparado a entrar em casa de nossa velha mãe, ser agasalhado com a mais cordial generosidade e carinho, começar tratando-a, não com respeito e gratidão, mas com baixa humildade e adulação vil, ser astuto como a raposa, ladrão como a pega, rasteiro como a serpente, afim de lhe tirar os seus bens pela velhacaria, em quanto se lhe não podem extorquir pela violencia;—depois, um bello dia, quando os

seus dons e os nossos furtos nos teem enriquecido assaz para que possamos assalariar uma numerosa turba de sicarios, arrancar de golpe a mascara, agarrar a velha pelos cabellos, arremessal-a ao chão, pisal-a aos pés, cuspir-lhe no rosto venerando e gritar-lhe: —Escrava, és minha! Déste-me o ser. Ensinaste-me a pensar, a fallar, a soletrar no grande livro da Natureza, amparaste-me os passos ainda vacillantes, dotaste-me emfim com os primeiros thesouros do espirito. Mais tarde, ainda hontem, acolheste-me e dispensaste-me, magnanima, os thesouros do corpo. Mas, ó mãe, estás velhissima, não fazes senão passar as contas do teu rosario, contemplar o passado e amar a rotina. Nada mais posso aprender comtigo. Mas tens muitos filhos, todos mais velhos do que eu, cansados e mais ignorantes, porque me fui aproveitando do saber que elles tinham accumulado. Eu sou moço, activo, intelligente, for-

te, e quero gosar, ser poderoso e opulento. Portanto, mãe, portanto, escrava, que os meus irmãos mais velhos trabalhem para mim, só para mim! Eu lhes darei, por esmola, um pouco do arroz que semearém... E se tu, em nome do direito violado e da fraternidade ultrajada, resistires á minha vontade soberana, esmago-te aos pés e extermino-os a elles!

Sim, tal é, a largos traços, a historia do imperio inglez na India; por que o povo inglez perpetrrou ou consentiu que perpetrasse tudo aquillo a Companhia das Indias! Porque a India era a primeira mãe e os povos indianos eram os irmãos mais velhos do povo inglez, como de todos os povos. Porque esse povo nem ainda era nascido

*Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda,*

e já a India, allumiada pelo seu esplendido sol, tinha inventado uma lingua, uma grammatica, uma theologia, uma philosophia que Pythágoras aprendeu muito mais tarde para a ensinar nas escólas da Grecia; já a India tinha lançado os primeiros fundamentos de todas as sciencias e de todas as artes; tinha aberto estradas collossaes que são, ainda hoje, o assombro dos engenheiros da Inglaterra e levantado monumentos que são o desespero dos architectos da Europa. Por um S. Paulo de Londres tem a India pagodes como os de Chalembrom e Djaguernate. Por um tunnel do Tamisa tem montanhas inteiras excavadas em templos e cinzeladas em esculpturas titanicas: Salcete, Ellora, Elefanta!

.

*

*

*

Depois da India, o Egypto entrou na pança enorme e insaciavel de John Bull. A curva generatriz d'essa pança ultra-pantagruélica, é uma hyperbole intraduzivel por uma equação, que faria o desespero dos geómetras... Mas, apesar do seu immenso estomago, o voracissimo John Bull soffre actualmente uma terrivel indigestão. O Egypto, que enguliu, atravessou-se-lhe lá dentro como um osso; e John Bull, coitado, sente-se irremediavelmente afflicto. Que o diga, se póde, o pobre general Gordon, que foi buscar lâ e, provavelmente, a estas horas, está mais que tosquiado — esfolado.

Quem não é lobo...

*

*

*

ALEXANDRIA BOMBARDEADA

(APÓSTROPHE AO MUNDO)

*Calaram-se os canhões d'Alexandria;
Tere o marujo inglez facil victoria;
Mas não pôde fazer calar a Historia,
Amordaçar a bocca da Ironia.*

*O direito esmagado pela força!...
Mundo! velha maçã de escaravelho,
Que assim toleras que a Moral se estorça,
Sabes o que te digo?—És um chavelho!*

*O escaravelho, que te leva aos tombos,
Ninguem sabe quem é; mas talvez tenha
Na testa, a encimar-lhe os cascos rombos.
Dos taes paus—que não servem para lenha.*

*Podesse achar uma capaz verruma,
Furava-te esse bojo até ao centro,
Depois passava a collocar, lá dentro,
Polvora, dynamite e sumaúma;*

*E largava-lhes fogo um bello dia...
Ah! vêr-te arrebentar n'esses espaços,
Terraquea bomba enorme, em mil pedaços!
Ah! se o pudesse vêr, como eu riria!*

*Mas irias, mansão do humano bixo,
Sujar os astros... Não, maçã que fedes,
Se eu descobrisse o fulcro d'Archimedes,
Lançava-te antes—ao barril do lixo.*

1882, Julho, 14.

NOTA: *O barril de lixo do Universo
Deve ser, creio, alguma nebulose,
Á qual se lancem velhos mundos pôdres...
E assim se explica o derradeiro verso,
Que fiz sob a impressão d'uma nevrose
Contra os inglezes, esses grandes ôdres!*

Junho de 1884.

*

* *

O deputado por Manchester, Jacob Bright, que insultou Portugal em sessão da Camara dos Communs (bem commum o tal Bright!) pertence á seita dos *quakers*, tremedores ou trementes, mas não tremendos ou tremebundos.

Nunca esse Jacob se mostrou tão *quaker*, como quando foi desafiado pelo major Quillinan.

*

* *

Simples confronto.

Os missionarios portuguezes iam, como S. Francisco Xavier, prégar com inteira abne-

gação a sua fé aos gentios, morrendo heroicamente por ella. E, sem que me possam taxar de reaccionario os que me conhecem, é preciso confessar a verdade, e a verdade é que S. Francisco Xavier fez muito mais do que o seu contemporaneo e amigo D. João de Castro. Comtudo, Xavier era um humilde-missionario; Castro era um grande capitão. O guerreiro buscava a gloria, o apostolo buscava o martyrio. Brilhantes cavalleiros cercavam aquelle. O outro ia só por entre as multidões pagãs, ou acompanhado de poucos obreiros, humildes como elle mesmo. E Castro vencia inimigos, o que é muito, mas Xavier convencia ignorantes, o que é tudo. A velocidade da luz é muito maior do que a velocidade do projectil. Palavra e exemplo penetram melhor do que balas. A palavra converte; a bala mata; a palavra faz neophytos; a bala faz cadaveres, quando não faz rebeldes. Por isso, as pedras de Diu descon-

junctam-se e cahem; as christandades da India crescem e multiplicam-se.

Mas, se outros missionarios portuguezes houve—ainda mal!—que se fizeram acompanhar pela espada do braço secular ou por uma coisa mais terrivel ainda—o archote da Inquisição—esses funestos desvarios não pôdem ser lançados em rosto á nação portugueza, como se não pôde accusar a França da carnificina de S. Bartholomeu ou das *Dragonnades*, como se não pôde accusar a Inglaterra das numerosas matanças dos catholicos romanos inglezes pelos seus compatriotas protestantes e vice-versa. Todo esse sangue, que, junto áquelle que tem corrido pela mesma causa em todos os paizes, faria do Oceano inteiro um só Mar Vermelho, todo esse sangue foi derramado por uma causa unica: o fanatismo religioso.

O que, porém, nunca—pelo menos *in partibus infidelium*—praticou um missionario portuguez, ou hespanhol, ou francez, ou ita-

liano, um homem emfim d'esta *corrupta* raça latina — foi o negociar com a Fé. Os nossos morriam por ella. Os inglezes vivem d'ella. Honra e proveito cabem n'um sacco... inglez. Levar em uma das mãos a Biblia, na outra o livro de contas correntes; na mesma mala em que vae o cathecismo que ensina a desprezar as riquezas, metter o dente de marfim e o oiro em pó que se subtilisa ao gentio — eis o que fazem todos os missionarios das mil e uma seitas religiosas da nobre Inglaterra, incluindo a mais recente de todas ellas: a famosa e ridiculissima *Salvation Army*.

*

* *

O glorioso historiador Michelet affirma, e prova com factos e argumentos irrefutaveis, que em todas as guerras da Inglaterra com a França, esta cavalheirosa nação foi sempre

movida por um nobre ideal, enquanto a Inglaterra o foi sempre por um vil interesse.

*

* *

Na sessão da Camara dos Communs em que Portugal foi insultado pelo *quaker* poltrão, leu-se o relatório de um tal *captain Sullivan*, accusando os portuguezes de fazerem escravatura na costa oriental de Africa... em pangaios arabes!

Vingadora e providencial coincidência ou identidade de appellidos! — Este Sullivan será um tal *captain* George Lydiard Sullivan, accusado e convencido, em 1869, pelo governador de Moçambique, Fernando da Costa Leal—de estar fazendo escravatura, não em pangaios arabes, mas a bordo da corveta couraçada *Daphne* de Sua Graciosa Magestade a Imperatriz-Rainha?

Quer seja, quer não seja o mesmo Sulivan, em todo o caso:

God save the queen!
Rule, Britannia!
England for ever!

Cebo para a patria dos Sulivans! (1)

*

* *

O grande allemão Henrique Heine fartou-se de crivar com as frechas da sua ironiã alada a pança de John Bull. O poeta de *Atta-Troll* e do *Livro de Lázaro* escreveu algures, que a Inglaterra é uma ilha tão nojenta, que

(1) Dá-se, na primeira das notas a este opusculo, o documento que prova a grande ignominia ingleza a que nos referimos. Ahí se achará também, pela vez primeira, a traducção ingleza do mesmo documento—a fim de que o possam saborear na propria lingua os dignos subditos da rainha Victoria, que desejarem esse regalo. Agradeçam-nos a fineza os *gentlemen*.

o Oceano ha muito tempo a haveria engulido, se não receasse... vomital-a em seguida.

*

* *

Gomes Leal, o eminente poeta das *Clari-
dades do Sul* e da *Historia de Jesus* escreveu,
ha tempos, um energico pamphleto em verso
com o titulo de: *A infame Inglaterra—carta
ao sr. Jacob Bright*. Esse poemeto não foi,
por um motivo qualquer, impresso na occa-
sião; mas reune, pelo seu valor intrinseco,
como pelo valor estimativo que deriva do
nome do auctor, condições incessantes de
oportunidade. Devo ao meu querido amigo
o favor inestimavel de poder inserir aqui al-
gumas d'essas valentes estrophes inéditas,
nas quaes a Musa, a mesma que dictou a Ju-
venal as *Satyras*, a Barbier os *Iambes*, a
Hugo os *Châtiments*, inspirou ao poeta por-
tuguez as santas e vingadoras cóleras da in-

dignação. Agradeçam-me os leitores o poderem conhecer as paginas que se seguem, sem duvida as melhores d'este livrinho. Essas não são palmadas na pança de John Bull; são bofetadas terriveis nas bochechas d'esse refinadissimo tratante, dadas com robusta mão calçada por um guante de bronze. Acompanho as estrophes da respectiva versão ingleza, a fim de que o citado velhacaz não possa allegar ignorancia do castigo infamante e de que sinta nas faces todo o vigor do pulso e toda a contundencia da manopla do poeta.

É com o mesmo fim que dou tambem a traducção da nota justificativa com que se illustra a terceira das estrophes insertas, aquella em que são cantadas as bacchantes do *high-life* inglez. É provavel que os anglomanos, os meticulosos e os assucarados taxem de *shocking* o procedimento do poeta em relação ás *ladies*. Um compatriota do *Maggiço*, *parbleu!* — Mas perdão, ó senhores; os

tempos são outros, e ha muito que a invenção da polvora, como é sabido, acabou com a cavallaria andante. O Magriço e os seus onze paladinos, se quizessem realizar hoje em honra das damas inglezas o feito que Luiz de Camões cantou — seriam corridos a cascas de laranja, ou mettidos em Rilhafolles. De mais, aquelles heroes viveram seculos antes da cessão de Bombaim, do tratado de Metwen e do resto.

Seguem-se os versos de Gomes Leal.

A INFAME INGLATERRA

(FRAGMENTO)

.
*Ó Londres immoral, Roma do nevoeiro,
Palmyra do carvão, Thebas do cervejeiro,
Babylonia do «spleen» á fria luz do gaz!
Só vós podeis fazer ao velho Satanaç
Eriçar o cabelo e enchel-o de asco e horror,
Narrando as bacchanaes do monstruoso amor
Da Venus meretriç, do Vicio em seu lameiro,
Ó Londres infernal! Roma do nevoeiro!*

Oh immoral London, oh Rome of fogs, oh Palmyra of coals, oh Thebæ of the brewer, oh Babylony of spleen, where, at day time, the sun veils his immortal face, where, at night, the dull and vulgar gas lamps twinkle instead of the virgin stars, you alone can set on end old Lucifer's hair and fill him with disgust and horror, when he sees the bacchanals of the monstrous love of a prostitute Venus rolling in her mirk. Oh hellish London! Oh Rome of fogs!

*O Sol não quer manchar seus raios n'esse estrume!
 A Venus meretriz alli subiu ao cume
 Do que ha de torpe e vil na sórdida Intemperança;
 Porque a fera do Amor, a bárbara creança,
 Monstro d'olhar azul, angélico e funéreo,
 Que rala corações na noite e no mysterio,
 Deu logar ao Deboche, infame e vesgo nume,
 E o Sol não quer manchar seus raios n'esse estrume!*

The Sun will not stain his beams on such a dung! Venus prostitute arose, there, to the top of all that is indecorous and vile in sordid Intemperance; because the beautiful wild

beast of Love, the fierce child, the charming monster of blue eyes angelical and sad, who digs the hearts in the mystery of night, gave place to Dissolution, infamous and crossyed deity; and the Sun will not stain his beams on such a dung.

*Branças ladys gentis, ébrias como as rameiras,
É frequente encontrar nas mãos das camareiras,
Desfeitas, vomitando o infame «gin» e o aniz.
Não ha muito, uma foi expulsa de Paris!
Mas na terra do Mal excentrico e funéreo
Rolam, ás cem e ás mil, da alcova no mysterio,
Por cima dos divans, no solo, nas esteiras,
Branças ladys gentis, ébrias como as rameiras.*

Fair and pretty ladies, drunken like whores, fall in the arms of their waiting-maids, vomiting infamous gin. Not long ago one of them was turned out from Paris. But, in the land of excentric and funeral Evil, they roll, by hundreds, and thousands, in the mystery of their bed-rooms, on the divans, on the carpets, on the floor, white and pretty ladies, drunken like whores.

*(E, no entanto, ellas são a flôr do jasmineiro!
Bellas como um luar gelado de janeiro,
Deve ser doce ouvir a musica divina
Do seu terno «I love you», á branca lamparina,
A loura trança solta em cima do roupão!...
Deve ser bello ouvir bater seu coração,
E a trança encher de aroma o nosso travesseiro!...
Ah! no entanto ellas são a flôr do jasmineiro!)*

(Yet, they are like the jasmine flower!
Handsome as a frozen moon-light of January,
how sweet it must be to hear the heavenly
music of their soft: «I love you!» sighed at
a lamp's mysterious light, with their flaxen
hair floating in lovely waves over their ni-
ghtly dress! . . . How delicious it must be
to feel the palpitations of their gentle hearts,
and to breathe the inebriating perfume of
their golden hair on one's pillow! Yet, they
are like the jasmine flower.)

*Os vossos nautas são os ébrios mais immundos!
Vem ao Tejo aportar navios dos dois mundos,
Couraçados e naus de todos os Estados;
Mas de entre os capitães, marítimos, soldados,*

*Velhos lobos do mar que hão visto as tempestades,
Reinos, religiões, cultos, templos, cidades,
Montanhas e vulcões, vastos rios profundos,
—Os vossos nautas são os ébrios mais imundos!*

Your seamen are the most filthy drunkards. In the Tagus ships of both hemispheres drop their anchor, vessels and iron-clads of every nation, but among the captains, sailors and soldiers, old tars who have seen the storms, kingdoms, religions, temples, cities, mountains, vulcans, large deep rivers — your seamen are the most filthy drunkards.

.
*Amãis fazer o bem, mas só a dez por cento!
Cançãis-vos a clamar ao globo e ao firmamento
Vossa phrase banal de «civilisação».
Philantropos de club e de infima extracção,
Caixeiros generaes de equivocãs victorias,
Em vós tudo é opaco: o céu, o dia, as glorias,
A honra, a caridade, o amor, o sentimento.
Amãis fazer o bem, mas só a dez por cento.*

You like to practice good actions, but at the rate of ten per cent! You disgust the

echoes of Earth and Heaven by your trivial phrase of «civilisation». Clubby philanthropes, men of low extraction, clerks promoted to generals of dubious victories, all among you is opak: the sky, the day, glory, honour, charity, love, sentiment. You like to practice good actions, but at the rate of ten per cent.

.

Britannica cegonha, aonde ides, fazeis rir!
Ensopados em «gin», cerveja, «ginger-beer»,
Com vossos grandes pés o mundo atravessais.
Vossos largos chapéos, trajos phenomenaes,
Dispõem ao bom humor todas as sociedades.
Correm atraz de vós aldeias e cidades
Para vos vêr andar, comer, beber, dormir.
Britannica cegonha, aonde ides, fazeis rir!

Laughter greets you wherever you go, Britannical stork! Plunged in gin, beer and ginger-beer, you go across the world with your large feet. Your ridiculous hats, your extraordinary dresses produce good humour among all peoples. Villages and towns run

after you to see you walk, to see you eat,
 drink and sleep. Laughter greets you where-
 ever you go, Britannical stork!

.

*Porque movestes guerra ao Boer socegado,
 Lavrando o seu torrão, pacífico, calado,
 Contento, com seus bois, no topo da collina?
 Porque fostes levar alli o lucto e a ruina,
 Como na guerra injusta e sordida do Egypto?
 Não receais que o mundo um dia solte um grito
 Contra as vossas traições, em côro, rebellado?
 Porque movestes guerra ao Boer socegado?*

Why did you wage war against the peace-
 ful Boer, who quietly sowed his field, satis-
 fied with his herds on the top of the hills?
 Why have you conveyed there devastation
 and sorrow, as well as in the sordid and un-
 just Egyptian war? Do not you fear the cry
 of the world in chorus against your treasons?
 Why did you wage war against the peaceful
 Boer?

.

Pombal fez-vos tornar rasteiros como cães!
Elle soube humilhar os comicos desdens
Dos caixeiros heroes, marujos, mercadores!
Soube bem esfriar os bellicos ardores
Do cervejeiro audaz, philosopho grotesco,
Do antigo pescador Saxonio de pé fresco,
Que commosco engrossou seus campos e seus bens!
Pombal fez-vos tornar rasteiros como cães!

Our great Pombal caused you to become as low as dogs. He knew how to humiliate the comical pretensions of hero clerks, sailors and merchants. He knew how to cool the warlike heat of the audacious brewer, that grotesque philosopher, of the ancient bare footed saxon fisher, who has enlarged with our property his fields and his goods. The great Pombal turned you as humble as dogs.

.

Arranca, ó verde Erin! os olhos ao milhafre.
Apedreja este algoz do Indio e mais do Cafre,
Do Chinez, do Abexim e do Fellá sereno!
Apedreja este algoz do humilde e do pequeno,

*Que sabe só vencer a libras esterlinas!
 Derriba este senhor da Morte e das ruínas,
 Carrasco do Irlandez, do Bóer, mais do Cafre.
 Ó nobre Irlanda, arranca os olhos ao milhafre!*

Green Erin, pick out the hawk's eyes!
 Stone this murderer of the Indian and of the
 Cafir, of the Chinese, of the Abyssinian and
 of the serene Fellah! Stone this oppressor of
 the humble and the small, who only van-
 quishes with sterling pounds! Knock down
 on the head this lord of Death and Ruin, the
 hangman of the Irish, of the Boers and of
 the Zulus! Oh noble Ireland, pick out the
 hawk's eyes!

*Tira-lhe o coração e offerta-o á justiça!
 Ha muito que tu estás de pé, sempre na liça,
 E de espada na mão á porta do teu lar!
 Acommette sem dó o déspota do mar,
 E arranca sem piedade o coração da fêra
 Até não palpitar a entranha onde se gera
 A rapina, a ambição, a crápula, a cubiça.
 Tira-lhe o coração e offerta-o á Justiça!*

Take out his heart and give it to Justice!

Since long, oh Erin, thou art, sword in hand, at your home's gate. Attack pitylessly the despot of the seas, drag ruthlessly the heart of the wild beast, until that entrail does not palpitate, where Rapine, Ambition, Crapule, Covetousness are produced! Take out his heart and give it to Justice!

NOTA A' 3.^a ESTROPHE

A Intemperança é o grande vicio dos inglezes, e é mais frequente nas altas classes do que se suppõe geralmente. A embriaguez ali, cuidadosamente sequestrada ás vistas, attinge a sua maxima degradação, e é verdadeiramente monstruosa. Para que não nos taxem de parciaes os leitores inglezes, soccorremo'-nos á auctoridade de Taine, um espirito benevolo á Inglaterra, um critico, um philosopho, e transcrevemos o que elle deixou entrever, com toda a sizudez, da desmo-

ralisação das altas familias, nas suas *Notes sur l'Angleterre*:

«J'ai vu, depuis mon arrivée, trois femmes ivres en plein jour. Deux près d'Hyde, dans la plus belle rue, étaient visiblement des femmes de mauvaise vie, avec des restes de chales et de bottines éculées, le sourire hébété, les pieds chancelants, et la langue lâchée. La troisième, bien mise et agée d'environ cinquante ans, trébuchait au milieu d'un rassemblement, s'avouait ivre avec un sourire étrange, et disait que c'était pour avoir bu à l'Exposition. Je crois le vice fort rare chez les femmes bien élevées; cependant l'extrême ennui, le chagrin peuvent y conduire; Eliot l'a mis en scène dans sa nouvelle intitulée *Janet's Repentance*.»

Taine, depois d'isto, ajunta a seguinte nota, fornecida por um annuncio do *Times*: «*Times* du 23 novembre 1870:—«Uma senhora, nos arredores de Londres, que toma grande interesse na regeneração das *senhoras dadas*

aos hábitos da Intemperança continua a receber na sua familia uma dama das mais *altas classes*, que precise dos seus serviços, a este respeito. Ha uma vaga, actualmente. Dirigir-se ao illustrado secretario da Associação de Temperança das senhoras, Baker street n.º 33.

Cette annonce ouvre d'étranges perspectives.»

A indulgencia de Taine é manifesta n'esse qualificativo de *raro* applicado ao vicio da embriaguez nas damas das altas classes de Inglaterra, e a sua nota desmente a asserção do texto, e não parece posta ali senão como para derivar a responsabilidade no *Times*; —pois que *raro* só se poderia chamar tal vicio nas damas da aristocracia franceza, hespanhola, italiana e portugueza, onde esses casos, se se déssem, abririam verdadeiras e estranhas excepções; mas não n'uma sociedade que funda *associações de temperança* para uso expresso das *ladies from the higher classes*.

NOTE TO THE 3.^D STANZA

(Offered to the english reader)

Intemperance is the great vice of the English, and is more frequent in the upper classes of society than it may generally be supposed. Debauchery, though carefully hidden from the stranger's sight, reaches its lower level and becomes really monstrous. In order that english readers might not look upon our statements as onesided, we shall quote Taine's authorised opinion on the subject, as he is always kind towards England, being moreover an able criticiser and a philosopher. Just listen to what he allowed to leak about demoralisation in the upper classes, in his celebrated and wise *Notes sur l'Angleterre*:

«J'ai vu, depuis mon arrivée, trois femmes ivres en plein jour. Deux près d'Hyde, dans

la plus belle rue, étaient visiblement des femmes de mauvaise vie, avec des restes de chales et de bottines éculées, le sourire hébété, les pieds chancelants, et la langue lâchée. La troisième, bien mise et agée d'environ cinquante ans, trébuchait au milieu d'un rassemblement, s'avouait ivre avec un sourire étrange, et disait que c'était pour avoir bu à l'Exposition. Je crois le vice fort rare chez les femmes bien élevées; cependant l'extrême ennui, le chagrin peuvent y conduire; Eliot l'a mis en scène dans sa nouvelle intitulée *Janet's Repentance*.»

Then Taine goes on with a special note, which an advertisement in the *Times* furnishes him: «*Times* du 23 novembre 1870:— A lady in the vicinity of London, who takes great interest *in the recovery of ladies from habits of intemperance* continues to receive into her family one lady from the *higher classes* requiring help in this respect. A vacancy now occurs. Adress Hon. secr. of the ladies

total Abstinence Association n.º 33. Baker street.

«Cette annonce ouvre d'étranges perspectives.»

Taine's leniency is striking when he says the vice of drunkenness is very seldom met with amongst the ladies of the higher classes in England; and his note belies the statement in the text, and therefore seems to have been quoted for the special purpose of making the *Times* share its part of the responsibility. In fact, such degraded vice would be extremely rare amongst ladies of the french, spanish, italian as portuguese aristocracy; and any case of it, should it happen, would become a real and most extraordinary exception. It is not thus, however, in a nation that supports *temperance societies* for the sole use of ladies *from the higher classes*.

*

* *

A philantropia ingleza: primeira meditação.

Aquilate-se a tão apregoada philantropia ingleza para com uma raça inferior, a raça negra, pela philantropia ingleza para com as raças brancas da Irlanda, do Transvaal, da India e do mundo inteiro.

Sempre que vejo o meu gato lançar-se com unhas e dentes a um rato, lembro-me da philantropia ingleza.

A philantropia ingleza: segunda meditação. Isto é escripto, hoje 25 de junho de 1884, sob a impressão dos telegrammas que annunciam o cholera em Toulon.

O mundo inteiro apreciou, o anno passado, a philantropia com que a Inglaterra deixou penetrar o cholera no Egypto e ameaçar d'ahi a Europa. O *Foreign-office*, enviando

aos governos, por meio dos embaixadores da rainha, copia de uma famosa consulta de medicos inglezes anonymos, dignou-se participar ás nações, que a precaução das quarentenas é o que ha de mais anachronico e absurdo n'este mundo—que esse meio prophylatico já não inspira confiança alguma se não aos hygienistas atrazados do continente e que é soberanamente despresado pela sciencia britannica. Se, portanto, nós formos assaltados pelo tremendo flagello asiatico, resta-nos ao menos a consolação de morrer com todas as regras e de pensar, nos derradeiros instantes, que o nosso passamento é um preito rendido á sabedoria dos medicos consultivos da diplomacia ingleza. Apesar, porém, do grande respeito devido... a' essas bestas más, a commissão sanitaria internacional, com o reforço unanime da imprensa europeia, reclamou da Inglaterra precauções contra a invasão do cholera, mas a Inglaterra fez ouvidos de mercador—este vulga-

rismo nunca foi mais apropriado — com o digno fim de não perturbar as operações commerciaes das respeitaveis casas Bright elder and son, Wood brothers ou Brown, Brown and C.º; e o cholera, em despeito da incredulidade affectada pelos humanitarios protectores do Egypto, entrou por aquelle paiz a dentro como por casa sua — á hora predita pelos atrasados medicos da França e do resto da Europa, com o doutor Fauvel á testa.

Por conseguinte, eu proponho, que, se a peste nos visitar, como é infelizmente para temer, graças á Inglaterra, cada cholericico faça por intenção d'esse paiz benemerito — aquillo que todos os cholericicos soem fazer em tanta abundancia quanta liquidez.

Sim, ó povos da Europa, morramos todos, já que isso apraz e dá proveito aos dignos mercadores da City, mas leguemos-lhes, á hora da morte, em penhor da nossa gratidão, o documento humano que sabem.

Ainda a philantropia ingleza: terceira meditação.

O correspondente do *Times* em Roma era, ha cerca de um anno, um inglez legitimo. Estava elle na cidade eterna quando foi o terremoto de Ischia. Lembram-se que a imprensa de Paris, a primeira do mundo, se apressou a promover uma grande festa em beneficio das victimas sobreviventes ao desastre d'aquella ilha. Pois vão saber qual foi, em relação á mesma calamidade, a attitude magnanima do correspondente do *Times* em Roma. Sirvo-me, para contar isto aos leitores, das notas que tomei n'um jornal da época.

Andava o tal correspondente muito indignado com as reclamações dos jornaes italianos d'aquelle tempo, analogas ás de toda a imprensa europeia, contra o procedimento egoista, monstruoso e vilissimo da Inglaterra n'essa questão do cholera, a que se alludiu atraz. O correspondente do *Times*,

como bom inglez, não pensava, em Roma, senão no cumprimento do seu dever. O seu dever era correr em auxilio da diplomacia e da medicina britannicas e provar que se tinha feito demasiada honra ás populações de Rosetta, do Cairo, de Mansurah e de Alexandria, sacrificando-as á prompta chegada das mercadorias consignadas ás respeitaveis casas Brown, Brown and C.º, Wood brothers, Bright elder and son, que são das mais solidas da City e onde se lê o *Times* com mais fervor do que a Biblia. Era isso o que preocupava o nosso inglez emquanto colligia, para os transmittir ao *Times* pelo telegrapho, os horriveis pormenores do terremoto de Ischia. De repente, o digno inglez teve uma ideia. E que ideia! Uma ideia a um tempo vingadora, patriotica e rendosa, uma ideia unica e exclusivamente ingleza. Vão vêr.

Acabára elle de lêr um relatorio do professor italiano de Rossi, o qual diz que observações regulares poderiam quasi sem-

pre fazer prever os tremores de terra, mas accrescenta, em relação a Ischia, que os indigenas vêem com maus olhos a installação de observatorios, com o receio de que estes previnam e affugentem os estrangeiros. O nobre inglez corre immediatamente ao telegrapho, não para commover a beneficencia dos seus compatriotas e pedir-lhes alguns soccorros em favor dos infelizes de Casamicciola, mas para explicar de que maneira elles, os compatriotas do assombroso correspondente, poderiam tirar da cidade aniquilada pela convulsão vulcanica . . . algum dinheiro, a titulo de indemnisações. O leitor arregala os olhos, pensa talvez que estou caçoando? Ora queira lêr as conclusões da bella dissertação que o nosso homem enviou ao *Times* por fio especial, *by especial wire*: «Seria opportuno que os italianos considerassem este facto—que, no proprio momento em que, julgando os outros por elles mesmos, protestavam com virtuosa indignação

contra o egoismo da Inglaterra, que não põe embaraços ao seu commercio com o estabelecimento de quarentenas superfluas, a existencia de um certo numero de estrangeiros e, entre elles, de muitos inglezes, foi sacrificada a um egoismo italiano tão grande, que os sobreviventes pódem com todo o direito reclamar uma indemnisação.» A traducção da agencia Havas accrescentava officiosamente aqui: «ao governo italiano»; mas estas palavras não se liam no texto do *Times*, e nadá faz suppor que ellas correspondam ao pensamento do jornalista. Não, não, são as auctoridades, os donos de hoteis, os guias, todos os habitantes de Casamicciola que elle accusa de haverem traiçoeiramente dissimulado aos viajantes inglezes a imminencia do perigo; são esses habitantes que revelaram um monstruoso egoismo: são elles que o correspondente quer que paguem os resultados da sua criminosa imprevidencia. E o nosso homem não esquece senão uma coisa, mas

esquece-a com uma candura admiravel: é que esses grandes culpados haviam pagado já a sua imprevidencia, quasi todos com a vida, todos com a perda de seus bens ou, pelo menos, das suas habitações. Se, na sua incuria, pozeram em risco a segurança dos seus hospedes, não pozeram a d'elles proprios ao abrigo da catastrophe. Poucas horas antes do terremoto, é o proprio correspondente quem o diz, representava-se em um theatro popular da ilha uma peça na qual *il signor Pulcinella* provocava o riso dos espectadores annunciando que ia fazer as suas mallas com receio de um tremor de terra. Não é provavel que esta farça fosse representada com o negro intuito de aquietar o receio dos estrangeiros; seria provavelmente recitada em dialecto napolitano, pouco intelligivel para a maior parte dos banhistas; eram os indigenas que se divertiam com toda a ingenuidade, elles a quem o implacavel flagello ia surprehender durante o somno. Em

summa, enquanto os jornalistas de Paris davam tratos ás suas fecundas imaginações para inventar a maneira de mandar algum dinheiro aos pobres de Casamicciola, havia um jornalista inglez que telegraphava de Roma: «Eu achei alguma coisa melhor do que isso, a maneira de lhes tirar algum».

Este homem póde reclamar, para o seu cadaver, um logar na abbadia de Westminster, o pantheon inglez. Ninguem tem mais direito a essa honra; porque ninguem deu melhor a bitola do character nacional, do genio inglez, em que o ridiculo se allia ao odioso em proporções épicas!

*

*

*

Publicaram-se, n'estes ultimos dias, dois escriptos de dois dos maiores escriptores portuguezes. Em ambos ha paginas soberbas de chiste, de ironia e de observação—

ácerca da Inglaterra e dos inglezes. Não posso resistir á tentação de trasladar, em reforço ás minhas fracas *Palmadas*, algumas linhas de cada um d'esses escriptores de primeira força.

Escreve o grande romancista e humorista Camillo Castello Branco:

«... o veneno que lograr infiltrar-se nas mucosas inglezas deve ter a potencia esphacelante da Agua Tufana dos Borgias. Em Inglaterra os porcos engordam na ceva do arsenico. Que fibras de raça aquella! É que a carne de um bretão diverge muito da carnadura da restante Europa. O anthropologo Topinard observou que a mortandade nos hospitaes inglezes, em seguimento ás operações chirurgicas, era muito menor que a dos hospitaes francezes. O sabio Velpeau, consultado pela Academia de Medicina, respondeu que *la chair anglaise et la chair française n'étaient pas la même*. E não dá a razão da

diferença, porque a não sabia o grande biologo. Eu, na observancia do dictame do Espirito Santo, pela bocca do *Ecclesiastico*— «não escondas a tua sabedoria» illucidarei o snr. Velpeau. A razão, a scientifica é esta: emborcações de bebidas acidas, e mórmente de cerveja, combatem, como coadjuvante do acido phenico, a gangrena; ora, o inglez, abeberado de cerveja, é refractario á podridão dos hospitaes. Como se vê, d'esta causal tão obvia um anthropologo é capaz de espremer assumpto para volumes recheados de coisas abstrusas sobre ethnographia, climatologia, morphologia, mezologia, o diabo.

«Além da cerveja, a fibrina do porco, saturado de arsenico, entretecida na fibrina do inglez seu compatriota, faz d'elle um Mithridates para os saes de chumbo diluidos no vinho do Porto. O inglez não póde morrer por ingestão alcoolica. Se quer suicidar-se com instrumento liquido, tem de asfixiar-se, afogar-se no tonel como o lendario Lord. Elle é

immortal, absorvendo; e só póde morrer— absorvido. Estranho animal! E é senhor das aguas e das melhores garrafeiras! O destino, pela tuba sonora de Camões, disse ao inglez:

Entre no reino d'agua o rei do vinho.

(LUS. C. VI.)

«Que litros de Porto envenenado se calculam efficazes para degenerar um bretão até á dyspepsia e ás agonias da morte?»

(O VINHO DO PORTO, pags. 9, 10 e 11.)

Escreve o grande romancista e humorista Eça de Queiroz, ou faz escrever ao seu sabio e inestimavel cão inglez *D. José* em carta dirigida de França para Inglaterra á sua gata ingleza *Pussy*:

«Nós em Inglaterra affirmâmos, com a Bi-

bliã apertada contra o coração, e a garrafa de *gin* escondida debaixo da mesa, que a moralidade dos nossos costumes é superior á de todas as nações do Universo. Tu sabes, *Pussy*, como esta pudica affectação nos parece divertida, a nós, cães e gatos, testemunhas permanentes da vida intima, deante de quem os seres racionaes, no seu imbecil orgulho e suppondo que somos mudos não se dão ao incommodo de ter recato . . . A Inglaterra é uma pocilga de devassidão. A França é um salão de libertinagem. *Pocilga, salão*, a differença está aqui. O peccado entre estes amaveis francezes, é amavel tambem; doura-o um estouvamento moço; tem no fundo uma ponta de sentimento ou de sensibilidade; e no beijo mais superficial ha sempre bastante emoção para, sendo necessario, fazer uma lagrima. Em Inglaterra o peccado é bruto e cheira a agoardente.»

(A ILLUSTRAÇÃO, de 5 de junho de 1884.)

*

* *

Byron esteve apenas dez dias em Portugal. Desembarcou em Lisboa a 7 de julho de 1809 e sahiu para Hespanha a 17. Pois pareceu-lhe sufficiente esse pouco tempo para ficar conhecendo os Portuguezes e dizer d'elles o que Mafoma não disse do toicinho. O certo é que a sua estada em Lisboa não foi tão curta—ainda mal para as costellas do nobre lord!—que não apanhasse uma tremenda sova em uma rua d'esta cidade. Foi, lembrando-se da tal casaca de pau, que o satânico poeta cortou, no *Childe-Harold*, a casaca e a pelle aos Portuguezes. Responder ao pau com a penna, parece que não fica mal— a um fidalgo inglez.

E não direi coisas mais desagradaveis d'elle, porque—devo confessar o meu fraco—apesar de tudo, gosto muito d'esse grande

diabo coxo, d'esse orgulhoso archanjo, que é o Asmodeu ou o Lucifer da sublime legião de revoltados a que pertencem Belzebut Poe, Astaroth Baudelaire e Mephistopheles Heine. E, depois, verdade, verdade, confessemos sem chauvinismo, que elle tinha toda a razão quando escreveu:

*But whoso entereth within this town,
That sheening far celestial seems to be,
Disconsolate will wander up and down,
'Mid many things that grieve both nose and ee;
For hut and palace show like filthily:
The dingy denizens are rear'd in dirt;
No personage of high or mean degree
Doth care for cleanness of surtout or shirt,
Though shent with Egypt's plague, unkempt, unwash'd; unhurt.*

(CHILDE HAROLD'S PILGRIMAGE, C. I.)

*Mas quem entrar na occidental cidade,
Que faz de longe tão brilhante vista,
Divaga triste vendo a sujidade,
Que offende a cada passo o olfacto e a vista;
Choça e palacio mostram igualdade
Na porcaria; PARVONEZ que vista
Camisa, não se importa de a ter limpa:
É gente immunda, mas levanta a grimpá!*

O que nos deve consolar é que o terrível poeta não poupou os seus compatriotas, desde Wellington a quem chamou *besta de pau* até ao estadista lord Castlereagh, que se suicidou, a quem fez este epitaphio:

POSTERITY WILL NE'ER SURVEY
A NOBLER GRAVE THAN THIS :
HERE LIE THE BONES OF CASTLEREAGH:
STOP, TRAVELLER—*and piss.*

Em todas as edições de Byron estão suprimidas as duas ultimas palavras d'essa quadra, e substituidas por pontos de reticencia, a fim de ellas não offenderem o pudor, o *cant* dos leitores e, especialmente, das leitoras inglezas. Mas essas palavras são, evidentemente, as que escrevi, eu que escuso de guardar as mesmas conveniencias que os editores inglezes. Agradeçam-me a perspicacia e a resolução os curiosos.

As artes em Inglaterra.

Esta é de Méry, o espirituoso poeta e romancista francez. Méry, que viajou em Inglaterra, onde ouviu, nos *festivals* e em outras partes, varias orchestras e bandas de musica, fez a observação seguinte.

Cada musico, diz elle, executa—em todas as accepções da palavra—a sua peça, sem fazer caso algum da peça que toca o seu visinho—com aquella nobre independencia que distingue todo o artista inglez.

Parece que algumas d'estas palmadas na pança de John Bull descambaram, quasi sem eu dar por isso—em murros. A mão, aberta

para as palmadas, crispou-se ás vezes n'uma irresistivel contracção nervosa, os dedos agarraram-se á palma e — bumba ! — casquei-os com gana. Pois nunca a mão me dôa! Creio que o leitor, se é portuguez, me acompanha no desejo. E, já agora, para pôr termo a este salutar exercicio em que me serve de cabeça de Turco a pança do inglez, vou arrumar-lhe o murro final, mas este ha-de ser com *box*. O box é-me fornecido por um official do exercito allemão.

Eu disse o murro final. Seja. Porque a *Variante portugueza da palavra de Cambronne*, que se segue a isto, não é bem um murro. É talvez peor. Em todo o caso, é outra coisa. Hão de vêr o que é; mas, por emquanto, venha o box do Tudesco.

Um periodico insuspeito na questão de que se vae tratar, porque é inglez, a *Contemporary review*, inseriu, ha tempos, um interessantissimo artigo ácerca da campanha dos inglezes no Egypto. N'esse artigo estão

bem postos em relevo todos os defeitos de que o exercito inglez deu provas. É escripto por um homem bem informado e competetissimo, official prussiano—o tal que me empresta o box.

Antes de examinar a conducta dos homens, o auctor faz a critica do systema. Em seu juizo, ha uma contradicção estranha entre as instituições politicas e sociaes da Inglaterra e as suas instituições militares. Por aquellas lembra Roma, pelas outras Carthago. Esse paiz, onde o *self-government*, o patriotismo, o sentimento da dignidade nacional são tão intensos—para se defender tem apenas um exercito de mercenarios, como diz uma cantiga popular:

Pounds, shillings, pence
Are the best national defense;

o que se traduz:

*Libras, shillings e pennys em porção
São a melhor defeza da nação.*

Em resumo, no parecer do prussiano, a campanha do Egypto só foi interessante como *rehabilitação do aço*, phrase amavelmente feroz, que, em estylo menos fidalgo e marcial, significa simplesmente que os soldados inglezes ainda sabem matar com arma branca. No combate de Tel-el-Kebir — no tal em que a carga decisiva de cavallaria contra as tropas de Arabi foi dada pelos cavallinhos das libras esterlinas para dentro das algibeiras do inimigo — a infantaria ingleza deu uma carga de bayoneta, que teria causado inveja ao proprio Suwarow, o famoso *sabreur* russo. Mas os defeitos da organização militar ingleza appareceram a plena luz, e esses defeitos são tantos e tamanhos — ainda segundo o allemão — que hão de arrastar consigo a ruina da influencia ingleza na Europa e no mundo inteiro.

Amen! brademos em côro, nós os portuguezes.

E reconheçamos, com intima satisfação, que o vaticinio do militar germanico principia a verificar-se, no Soldão com as derrotas vergonhosas, na Abyssinia com os desdems ainda mais vergonhosos do rei João, soffridos pelo enviado inglez, o almirante Hewett.

N'estes ultimos annos, os Afghans, os Zulus e os nossos valentes amigos do Transvaal, os Boers, já tinham mostrado eloquentemente á egoista e orgulhosa Inglaterra o que ella vale como potencia militar. O ultimo golpe, o golpe de misericordia, ha-de vibrar-lh'o, dentro em poucos annos, na India, a bota do Cossaco. O gigante do Septentrião caminha a largos passos para a fronteira do Indus, quer siga, quer não siga as pégadas do itinerario de Alexandre de Macedonia. A Inglaterra póde metter a pique todas as suas esquadras, que lhe não servirão para fazer recuar uma só pollegada a *avalanche* humana

que se vae precipitar sobre ella dos lados do Polo. É chegado, emfim, para a Inglaterra, como para todas as nações que fizeram do bezerro de oiro o seu idolo supremo, a hora das vingadoras calamidades. A civilização moderna, corrompida pela influencia desmoralisadora do Anglo-Saxão, que é o Carthaginez enxertado no Judeu, tem tudo a ganhar com o esmagamento d'elle pelo Slavo. A raça Slava é uma raça forte, joven, alentada por novos e generosos ideaes, e a sua aspereza actual ha-de polir-se sob a influencia dos climas paradisiacos banhados pelo sol.

N'este momento historico em que a Inglaterra inteira treme de pavor, em que n'esse paiz aos descarrilamentos se succedem as explosões, em que a dynamite prosegue na sua obra sinistra de exaspero e de vingança, em que por toda a parte se vêem cordões de *pollicemen* supplementares, em que os monumentos da soberba britannica feudal e trafi-

cante, Westminster, São Paulo, Eaton-Hall, o palacio de Buckingham e o palacio de Saint-James—essa caverna sumptuosa onde, ha tantos seculos, se trama em vastissima escala o enorme assalto da rapacidade britannica á riqueza de todos os povos—n'este momento em que a familia real ingleza muda com frequencia de logar, furtivamente, como alca-teia de lobos perseguida pelos caçadores—em que a Inglaterra em plena paz . . . appa-rente, se acha em um verdadeiro estado de guerra intestina—n'este tenebroso momento historico em que os patriotas da Irlanda, exasperados pela revoltante expoliação secu-lar de que são victimas, ameaçam a escura Babylonia do Norte de a fazer ir pelos ares —em que o chefe dos dynamitistas, O'Do-novan-Rossa, com o seu quartel-general em Nova-York, terrorisa a Inglaterra e a obri-ga, como um habil estrategico ferindo o ini-migo na parte mais vulneravel, que é n'este caso a bolsa, a fazer despesas incalculaveis

para se livrar dos engenhos de destruição e morticínio que elle lhe arremessa por cima do Atlantico—quando, emfim, o snr. Gladstone não pôde oppôr á guerra agraria da Irlanda, como fez Menenio Agrippa na guerra agraria de Roma, o pacificador apólogo do corpo humano revoltado contra o ventre, e isto pela simples razão de que a Irlanda sabe que o ventre da Inglaterra não digere o trabalho dos irlandezes em proveito d’elles—expliquemos essa guerra tão barbara, que chega a commover os maiores inimigos da Inglaterra, por estes profundos versos do velho vidente Victor Hugo:

*L'âme inconnue et sombre a des vices d'esclave;
Puisqu'on lui met un mont sur elle, elle en sort lave;
Elle brûle et ravage au lieu de féconder...*

E concluamos, reconhecendo que o tribunal da posteridade, perante o qual a Inglaterra será accusada pela Historia em nome

de todos os povos, só poderá aceitar, para os innumeráveis e monstruosos crimes d'essa odiosa nação, esta unica attenuante: Shakespeare!

VARIANTE PORTUGUEZA

DA PALAVRA DE CAMBRONNE

I

Foi na tarde de 7 de maio de 1876, um domingo, que o principe de Galles deixou o porto de Lisboa a bordo do magnifico vapor *Scrapis*.

Não pódem ter esquecido aquelle alteroso navio, todo pintado de branco, que esteve no Tejo uns poucos de dias e que, visto de terra á claridade indecisa das estrellas, fazia lembrar um d'aquelles ilheos de gelo que fluctuam nos mares dos polos. Milhares de lisboetas e provincianos o visitaram, e todos os jornaes da capital o descreveram como um fluctuante palacio maravilhoso. Eu cá, vi-o

tambem, mas só por fóra. Perdõem-me a falta de curiosidade os que o admiraram por dentro e que de certo me dispensam uma descripção superflua. Eu estava n'aquelle tempo em Lisboa, tinha saude, vagar e alguns tostões disponiveis para alugar um bote, mas não fui a essa grande romaria fluvial, que, durante não sei quantos dias, poz em movimento quasi tanta gente como a que vae em peregrinação a Meca ou a S. Thiago de Compostella pelos annos de Jubileu. (2) Ha creaturas assim, de um feitio exquisito. Causa que chame o concurso das multidões, é justamente cousa que lhes não interessa nada a ellas, a essas taes creaturas sorumbaticas e mettidas comsigo. Porque será? Ha quem diga que os individuos d'essa tempera, que, felizmente para a sociedade, são rarissimos, evitam fazer o que faz toda a gente—com o fim de dar nas vistas e de que os tomem por entes superiores. É possivel que seja por isso, mas é licito duvidar; porque seria,

quando menos, estranho, penso eu, que elles, para *dar nas vistas*, tomassem o expediente . . . de não apparecer. E, demais, quem ha que repare se elles vão ou se não vão aonde vae toda a gente? Por um contraste singular, porém, esses excentricos costumam apparecer onde não se vê quasi ninguem. Assim, por exemplo—já que se trata de visitas a embarcações—quando, alguns annos depois do *Serapis*, tambem estive no Tejo outro navio estrangeiro, mas este quasi completamente abandonado pelos curiosos, houve alguns d'esses homens, dois que eu saiba, que lá foram vê-lo, sem espalhafato, sem caracter official ou *scientifico* (!?) mas com certo sentimento de respeitoso enthusiasmo. E os senhores não o viram, de certo. Pois não perderam nada. Era um naviosito bem insignificante, todo negro, muito pobre, que nada tinha de bonito e até estava um pouco sujo. E não conduzira nenhum principe. Contentára-se com o levar a cabo um servi-

ço... mais modesto. Fôra simplesmente desencantar uma passagensita entre a Europa e a Asia, a passagem de *nordéste* pelo oceano arctico—sabem—e tinha-a encontrado o diacho do chaveco. Chamava-se *Vega*; e conduzira, em vez de um poderoso principe—um simples professor. Um simples professor, nada mais. É verdade que esse professor chama-se Nordenskiold, e acabára de fazer para as bandas do Norte alguma coisa semelhante ao que, vae em cerca de 400 annos, fizeram para o Occidente e para o Oriente uns vagabundos da mesma cathegoria, conhecidos por Magalhães e Gama. Mas deixemos lá esses grandes vadios do mar, que navegaram em reles barcos, e tratemos do magnifico *Serapis* e do seu magnifico passageiro, o principe de Galles.

Era, pois, pelas 5 horas d'aquella tarde de maio. Um tempo soberbo. Um sol que pouco ficaria devendo, em luz e calor, a esse outro sol do Oriente, que tivera a honra de allumiar

e aquecer na India o primogenito da rainha Victoria.

O céu era um immenso espelho concavo de ferro azulado, a que estava pregada, para as bandas do Occidente e pouco acima do horisonte, uma lamina circular de oiro bruno, aquecida ao rubro.

Apesar da hora, havia a claridade implacavel dos dias gloriosos, dos dias de triumpho em Roma, quando os reis vencidos seguiam, humildes e algemados, o carro do general victorioso, entre os clamores frenéticos da plebe e o clangor das trombetas marciaes, até ás alturas do Capitolio.

Ha uma cumplicidade mysteriosa entre o sol e os que n'este globo sublunar triumpham. Exemplo: o sol de Austerlitz rasgando as brumas de dezembro para aureolar a face verde-negra de Bonaparte. Os gregos tinham razão quando fizeram Marte irmão de Phebo-Apollo. Porisso, ha espiritos rebel-

des, que, se não apedrejam no occaso, á maneira dos Incas,

O claro sol, amigo dos heroes,

como diz o verso de Anthero do Quental, aborrecem-n'ó quando elle fulgura no zenith. É verdade que esses espiritos estão condemnados, ha dezoito seculos, pela bocca d'oiro de S. Paulo dizendo que o malfeitor odeia a luz: *qui male agit odit lucem*; mas esses impios, que o Dante não previu, poderiam confundir o apostolo das gentes, respondendo-lhe simplesmente isto: — Odiâmos a luz, porque allumia o malfeitor.

Ao fundo, nas terras altas da margem esquerda do Tejo, a luz incidia obliquamente, mas ainda a jorros, nas chapadas e nas encostas viradas para oeste; emquanto nas laideiras e alcantis de orientação diversa desdobravam-se largos pannos de sombra. E os montes da Outra-Banda, manchados escassa-

mente de verde, calçados, á flor d'agua, de longas casarias brancas similhando, ao longe, franjas de espuma petrificada, estendiam merencoriamente a sua corpulencia bronca—tristonhos Adamastores, agachados á beira do rio e ruminando talvez a raiva impotente de se verem desprezados pelas suas brancas Tágides.

No segundo plano, como um vasto lençol cobrindo algum m̄onstro marinho, que, adormecido debaixo d'agua, resfolgasse brandamente, via-se arquejar em suaves ondulações a superficie do rio, onde zigzagueavam reflexos metallicos, auriverdes, crystallinos, azulados e glaucos—excepto nas largas fachas lisas de uma brancura oleosa, vitrea, espelhenta, que marcavam as correntes fluviaes. E o sol projectava obliquamente no Tejo um grande listão de fogo, como, n'um brazão de bastardia, uma aspa d'oiro em campo de prata. A tremulina faiscante da liquida banda solar offuscava; e a sua vista

suggeria esta ideia a um tempo melancolica e humoristica—de que o sol punha esse galão d'oiro lampejante no braço do Tejo, talvez na intenção ironica de assignalar que o nobre rio é um eterno aspirante—às obras do seu porto.

Defronte do Aterro, a menos de meio rio, fundeavam pesadamente os couraçados da esquadra ingleza, enormes e negros, como cetaceos repletos digerindo tranquillamente sobre as aguas. Por cima d'elles, as bandeiras, flammulas e galhardetes, de que estavam empavesados e que bafejava o sopro molle da viração, pareciam bandos de passaros australianos pousados na mastreação e nas cordagens, sacudindo voluptuosamente as plumagens multicolores—em volta de grandes garças reaes immoveis: os marinheiros vestidos de branco, formados nas vergas e nas enxarcias.

No rio estava suspensa a navegação por ordem da policia do porto, a fim—dizia-se—

de evitar abalroamentos e—dizia-se também com certa satisfação ingenuamente portugueza—por uma alta cortezia devida ao altissimo personagem que fizera a honra de nos visitar, ao futuro soberano da nossa antiga e fiel alliada, etc.

O certo é que nunca o bello estuario do Tejo parecera tanto, como n'esse dia, de um modo tão visivel e pungente, um porto assoberbado pela omnipotencia naval da Inglaterra. Os navios mercantes, os raros navios de guerra portuguezes e as embarcações meúdas fundeadas ao longo do Aterro, fragatas de carga, barcos de pesca, saveiros e ca-traias, assistiam, comparsas humildes, á grande scena em que só iam figurar alguns dragões do mar, leviathans com peitos negros de ferro, com pulmões trovejantes d'aço, que trazem nos seus ventres a destruição e a morte, que por cem boccas vomitam jactos de metal incandescente ao clarão dos relampa-

gos, entre nuvens de fumo e com o estampido dos trovões.

Os couraçados estavam ancorados em ordem tal, que o *Serapis*, fundeado mais acima, pudesse, ao demandar a barra, passar bem á larga pelo meio d'elles, a fim de o principe ir successivamente recebendo na sua passagem as salvas e os *hurrahs* de cada navio da esquadra. O couraçado que o *Serapis* ia encontrar primeiro no seu caminho rio abaixo era o *Black-Prince*. Distinguia-se perfeitamente de terra a sua colossal figura de prôa, representando o *Principe Negro*, cuja attitude era a de um tritão que vae saltar á agua sobre o ventre.

A bordo do *Serapis* andava-se já na faina de suspender as ancoras. Os largos tubos das suas chaminés lançavam columnas de fumo espesso e negro, que subiam torcidas em grossas espiraes, como giboiás aereas, para o azul immaculado. E ouviam-se, ululantes como gritos de desespero, insolentes como

apupos, estridulos como assobios de serpentes, frenéticos, agudos, convulsos como soluços prolongados, os silvos imperiosos do vapor escapando-se pelas valvulas em rolos de alvor espumeo.

Entretanto, a bordo dos navios da esquadra começava o rumor dos aprestos para a passagem do principe: — os soldados de marinha e as tropas de desembarque formando-se no convez, os artilheiros correndo a postos de combate nas baterias, o claro tilintar das armas brancas, o estrondo secco das coronhas batendo rijamente sobre a madeira, as vozes gutturaes de commando, de repente a vibração rapida e vermelha de um toque de clarim, o rufar surdo dos tambores, o assobio trémulo dos apitos da manobra, todo o vasto e rumoroso preludio, emfim, de um grande *branlebas* de combate.

Em quanto se passava tudo isto no Tejo, em terra a população agglomerava-se n'uma extensa linha compacta ao longo do Aterro.

Bordado ao norte pelos seus grandes predios incaracteristicos, entremeados de jardins, barracas e tapumes, o Aterro estirava-se com as suas arvores tristes e sujas de pó. As altas chaminés das fabricas baforavam para o céu com fleuma opportunamente londrina.

Não existia ainda o mercado novo; e a sua fachada, com a da fabrica do gaz—duas contrafacções igualmente grotescas do estylo das *halles* e do estylo ogival—não guinchavam então, como guincham actualmente n'um dueto afinadissimo, as suas notas *criardes* de architectura de cartonagem, da ordem pastelleira, que fazem ao espirito do artista o que um raspar de unha n'uma parede faz aos nervos de muita gente. N'aquelle tempo, a fachada do gaz guinchava, mas em solo, a sua incessante canção de louvor ad sensu estheticu da burguezia dirigente.

D'entre a multidão apinhada no Aterro, as côres vistosas dos vestidos das mulheres des-

tacavam-se alegremente no fundo escuro dos trajos masculinos, como flôres do campo n'um chão negro de terra vegetal. Por cima da seara de cabeças, os chapéos de sol abriam as suas copas balanceantes, como grandes cogumellos agitados pela viração. Distinguiam-se, na mó do povo, os typos energicos da gente maritima e pescadora. Burguezas, de caras chupadas, macilentas, de corpos estreitos mal firmes sobre botinas de grandes saltos, toucadas de chapéos informes com flôres sujas—ou então, mulheres flacidas, de uma balofa obesidade, faziam vivo contraste com as ovarinas sadias, cabeças pequenas de um contorno harmonioso e firme, cobertas de largos chapéos de feltro negro fortes e caracteristicos, feições accentuadas, olhos reluzentes de sensualidade prolifica revelando uma alimentação aphrodisiaca, troncos direitos, peitos amplos e arqueados, seios turgidos com os bicos em riste, quadris de curva fortemente pronunciada

n'uma amplitude maternal e assentando nas pernas rijas como columnas, terminadas por uns pés nus e pequenos. (3)

Catraeiros de pescoço de touro, cobertos de grossos barretes de lã, feições vigorosas de silvanos, pelle côr de tijolo antigo, barba negra ou de um louro bronzeado, violenta, com consistencia de escova, espadaúdos, de arcabouço largo e convexo, braços cabelludos e musculosos de remador, misturavam-se com sujeitos nédios e ventrudos—que tanto podiam ser merceeiros ou taberneiros, como agiotas, conegos ou deputados da nação—e que, de bella sobrecasaca de panno fino, chapéo luzidio e palito ao canto da bocca, passeavam magestosamente a sua importancia, a sua curiosidade e o seu jantar, arrimados a grossas bengalas de castão de marfim ou de chavelho de bufalo. Homens vestidos de claro apregoavam n'um tom pachorrento: *Agua fresca! agua fresca!* Um rapaz sujo, que tinha a cabeça de um microcephalo, com um

grande cabaz ao collo, gania: *Vá, pastellinihos! pastellinihos!* Soldados de infantaria, bisonhos, de estatura menos de meã, mal feitos, de nádegas hottentotes e com a obesidade precoce do rancho de farinaceos, andavam aos grupos arrastando pesadamente sapatos grossos. Outros, de cavallaria, com longas varas de zambujo na mão direita e dois dedos da esquerda na correspondente guia do bigode, lançavam olhares de gula a rochonchudas creadas de servir, côr de lagosta cozida, cobertas de velhos chales e de lenço na cabeça.

A população operaria parecia ausente, mas não o estava. Sómente, como os homens vinham indomingados, em vez de trazerem nobremente para a rua, como em França, as suas *blouses* e *casquettes*, mal se distinguiam dos burguezes.

Nos dois jardins do Aterro a louca primavera fazia circular um sangue generoso nas veias de todas as plantas, e tentava perfumar

o ambiente balouçando ao sabor da brisa os thuribulos naturaes das flores; mas os effluvios balsamicos das pobres rosas de maio não podiam lutar contra o fedor complexo de maresia, de esgoto, de hulha queimada, de peixe pôdre e de outra coisa.

Militares lindos, aspirantes a officiaes, de cintura espartilhada e de luvas *gris-perle*, fraternisavam com moços imberbes, de luneta, trangalhadaanças com geitos desengonçados de simios, tambem aspirantes ou já promovidos a esburgadores do *osso do noticiario* — na phrase do mestre.

Caras rapadas e pretenciosas de actores ostentavam-se com a sufficiencia de principes do seculo passado viajando *incognito*. Burocratas tesos, de sobrecasaca severamente abotoada, andar compassado de pisa-flores, cuidadosamente escanhoados, solemnes como a prosa dos documentos officiaes, olhavam com uma seriedade vasia de sentido. Alferes de cavallaria e *gentlemen-riders* desfilavam a

passo, em linhas de quatro. Alguns trens, atulhados de familias, estacionavam. Outros, de aluguel, descobertos, exhibiam ranchos de hespanholas com *toilettes* garridas, que se abanavam muito com meneios languidos, encarando os homens bem trajados com a mesma impudencia com que muitos d'elles costumam encarar as outras mulheres. Junto das hespanholas, com um pé nos estribos das carruagens, ou familiarmente encostados aos guarda-lamas, conversavam com ellas rapazes esgrouviados com chapéos de aba direita sobre cabeças estreitas, calças tão estreitas como as cabeças, casacos tão curtos e colletes tão compridos, que se podia a certa distancia quasi suppôr que houvessem, por distracção, vestido os colletes por cima dos casacos. Em torno d'esses rapazes e d'essas mulheres, invejando aquella gloria, aquelle escândalo de bom tom, lançando furtivos olhares concupiscentes para dentro dos trens, girava a parte mais taful da multidão: cai-

xeiros com caras vermelhaças de anjos bochechudos, o cabelo muito penteado e pastoso, botas de polimento coruscante, fatos novos sem uma ruga, grandes punhos com enormes botões vistosos e grandes mãos carnudas, enluvadas, com os dedos esticados, muito abertos.

E, em toda esta multidão, o verdadeiro povo, o grande trabalhador, válido, robusto, tosco, varonilmente formoso, a pedra angular da nação, a grande alavanca das suas forças vivas, o seu braço e o seu escudo, não se revelava—excepto nos typos já esboçados da tribu marítima.

Como se o acaso houvesse querido, por meio da excepção que nós acabamos de assignalar, fazer sentir bem visivelmente ao observador, n'aquelle dia, em presença da grandiosa manifestação naval de um povo estrangeiro, que a verdadeira missão d'este outro povo, habitante de uma estreita nesga de terra junto do largo Oceano—não é se-

não a sua missão historica, a mesma, a unica que o fez conhecido e forte no passado, e que o póde salvar no futuro, não já pelas descobertas e conquistas, mas, ainda e sempre, pela navegação, por uma larga e poderosa navegação, que alimente uma vasta e fecunda colonisação ultramarina, que por seu turno seja alimentada por esta, e que entretenha um grande commercio maritimo entre a Europa e a Africa e entre a Europa e a America, commercio cujo grande entreposto seja—como a natureza eternamente o está indicando—a occidental praia lusitana.

II

Era pouco mais de 5 horas da tarde. O *Scrapis* ia estando prestes a largar a sua amarração.

Tres rapazes, que vinham dos lados do Arsenal, acabavam de chegar ao caes do Sodré,

Examinemol-os.

Pareciam ter quasi a mesma idade, uns vinte e tantos annos. E tinham não sei que parecença notavel, não nas feições, nem tão pouco nos caracteristicos de raça, que eram até bem distinctos, mas no ar, no gesto, na maneira de olhar, de fallar, de sorrir, e principalmente n'um certo desalinho pittoresco do trajar, despresador das convenções e até escandaloso — n'uma cidade onde, exceptuando os *faias*, os maritimos, os camponezes adventicios e os estrangeiros, toda a mais gente, incluindo os artistas, se veste com a mesma escrupulosa e uniforme *respectabilidade*. Com effeito, embora nascidos em terras muito affastadas umas das outras, havia entrè aquelles tres rapazes, mais do que uma convivencia intima, essa conformidade de sentir e de pensar que liga os homens muito mais estreitamente do que os laços de sangue, tornando-os concidadãos da mesma patria ideal, irmãos da grande familia cos-

mopolita dos pensadores, dos poetas e dos revolucionarios.

Havia rapazes d'esses, ainda ha bem poucos annos. Espiritos irregulares, que escandalisavam a gente *séria*, refractarios — não só em palavras, como tantos, mas tambem por obras — capazes das maiores extravagancias e travessuras, mas incapazes de uma canalhice, costumando responder a um aggravo com um murro ou uma paulada, revelando no rosto e nas palavras o que tinham nos corações, pensando no Ideal sem terem, ás vezes, esperança de jantar, apparecendo na rua com o fato roto e sem solas nos sapatos mas olhando de cabeça erguida para os ricassos, excentricos sem pensarem na excentricidade, heroicos sem pretenções a heroes, indomaveis para o mundo inteiro excepto para as mulheres, os rapazes d'essa tempera brilham — hoje — pela ausencia. Foram substituidos pelos *bons moços*, que todos conhecem, sempre vestidos com primor sem que muitas ve-

zes se saiba d'onde lhes vem o dinheiro para as tafularias, graves, sensatos, prudentes, tão incapazes de uma travessura como de um sacrificio, pensando, desde que pensam, no proprio bem-estar, incapazes de se comprometterem, tendo continuamente na bocca as palavras ou na alma as ideias de «opportunismo» e «evolução», idólatras confessos do deus-ouro, e, demais, poços de vaidade, antros de inveja, cloacas de ambições vis, conspirando, ás claras, pelo silencio systematico, e, ás occultas, pela intriga, contra os espiritos independentes — esperançosos mancebos, emfim, que aspiram a deputados e ao resto, de um comportamento exemplar, embora um quasi nada canalhinhas.

Mas voltemos aos tres amigos, recémchegados ao caes do Sodré.

Dois eram portuguezes, o outro hespanhol.

Vamos dar, como prescreve a lei da hospitalidade, o logar de honra ao estrangeiro.

Era feio, de uma fealdade escandalosa. A cara, se podessemos abstrahir da sua expressão, seria uma antiga mascara grega, como as que os actores usavam nas tragedias pavorosas de Eschylo. Era um carão magrissimo e longo como o de D. Quixote, escaveirado, cheio de altos e baixos como a região Suissa, com um queixo muito proeminente e encadernado n'uma pelle trigueira, estalada n'um labyrintho de hiatos, assim como estala, apoz uns dias de enxugo ao sol, um chão que foi humido e calcado. Havia, porém, n'aquelle rosto panico uma feição característica e saliente, que requer menção especial. Era o labio inferior. Violentamente arregaçado para baixo, não pendia com a pesada frouxidão, indicativa de estupidez e lubricidade belluina, como o famoso labio do nosso *beljo* monarcha D. João VI. Abria-se n'um desdobramento firme, como o rebordo esmaltado côr de carne de certos buzios, que, applicados ao ouvido, deixam perceber um ruído similhan-

te ao bramir longinquo do mar. Parecia talhado em fórma de cascata, como para deixar cahir catadupas de palavras; e, revirado como o pavilhão campaniforme de uma buzina, era feito para escoar as ondas sonoras da voz em retumbantes vibrações.

Um labio extraordinario!

Desdenhoso e formidavel, como o labio de Mirabeau.

Uma cabeça enorme ouriçada de cabellos côr de pello de leão da Africa tropical. Os olhos eram tambem de côr fulva, muito semelhante á do cabello. E o busto, muito longo, ladeado de braços d'uma extensão proporcional, feitos para largos gestos, assentava n'umas pernas muito arqueadas, e com os joelhos tão mettidos para dentro, que dir-se-hia poder o seu dono ajoelhar tambem com os pés para diante, tocando o chão, se lh'o permittisse a grande curva das pantorrilhas, com os calcanhares—á maneira dos bonecos de sabugo. Mas todas estas imperfei-

ções, que, isoladas, seriam grandemente defeituosas, combinadas n'aquella figura semi-selvagem convergiam n'um todo harmonico de estranha grandeza na sua mesma deformidade. Era a harmonia ideal do cháos pregenésico, feita carne, personificada n'um corpo humano.

O possuidor d'essas partes trazia a mais phantastica das sobrecasacas possiveis, que elle usava sempre completamente desabotoada. Era uma vasta sobrecasaca de inverno, que — segundo affirmava o seu proprietario — tinha sido preta, passára depois por varias gradações do espectro solar, tendo chegado n'aquelle tempo a uma *nuance* indecisa entrè o verde-garrafa e a côr das folhas seccas.

E que extraordinario chapéo . . . hyperbólico, unico! Parece que fôra primitivamente um vasto cône truncado de feltro negro com grandes abas; mas, ao tempo em que o estamos descrevendo, cheio de mil quebraduras e d'alguns buracos, já sem forro, tomava to-

dos os feitiços possíveis e não tinha feitiço nenhum. Este Proteu dos chapéus, ao menor movimento que se lhe imprimisse, assumia as proporções, ora de um chapéu de salteador calabrez, ora de um ponteagudo barrete de magico, ora da mitra de um Parse adorador do Sol, e cem outras, a qual mais extravagante e funambulesca. Devemos, porém, confessar que o seu estado ordinario, em repouso, era o de uma perfeita massa informe. Quando elle surgia n'um botequim, n'um theatro ou n'uma rua, causava sensação, provocava ajuntamentos, chegava a fazer escandalo. E, comtudo, a causa que o levára áquella situação anormal na historia dos chapéus celebres, não fôra tanto a sua idade, aliás menor que a da sua pristina companheira, a sobrecasaca. Singulares vicissitudes o tinham reduzido a taes condições. Porque, saiba-se que onde elle servia menos, era na cabeça do seu dono, que o trazia de ordinario na mão ou debaixo do sovaco. Mas, ao menor inci-

dente, por exemplo á subita apparição de um amigo, para estreitar o qual abria os braços, á vista d'uma bonita mulher ou n'um impeto de enthusiasmo, o primeiro movimento espontaneo, invariavel, fatal, do proprietario d'aquelle chapéo, era atiral-o ao meio do chão, com a mesma indifferença com que o leitor pousaria o seu n'uma cadeira. De cadeira lhe tinha elle servido varias vezes, como tambem de leque para se abanar no verão, e —o que parecerá incrivel—houve occasiões em que até lhe serviu de tribuna, quando o arremessava aos pés para apostrophar alguém e os punha em cima do chapéo, como sobre um pedestal.

O hespanhol pertencia a uma excentrica associação de moços estudantes e escriptores portuguezes, um pouco noctambulos, um pouco scismadores e um pouco bohemios, na bella accepção da palavra, bohemios por amor da arte e das leituras de Henrique Murger — os quaes estão hoje dispersos.

Aquella associação chamava-se o *Parafuso*, tinha a sua séde algures nas cercanias do historico *Nicola* bocagiano e o seu presidente honorario era um extraordinario poeta, que, farto de escrever sublimes lyricas, metteu-se, como d'elle disse pouco mais ou menos um grande escriptor, a ensinar os analphabetos a poder lêl-as. Era uma associação que se formára espontaneamente pela attracção que os socios exerciam uns nos outros e pela necessidade que sentiam de se reunir para as suas expansões—n'uma terra, onde a mocidade pensante e pobre, á falta de bibliothecas ou d'outros centros intellectuaes nocturnos, vê-se geralmente forçada, para descançar dos trabalhos do dia, a escolher entre a casa de jogo, o bordel e o botequim. Se a tachigraphia ou a phonographia aperfeiçoada houvessem conservado os eccos das grandes controversias que se travaram no cenaculo do *Parafuso*, a posteridade estremeceria, ora de admiração, ora de horror, perante os ful-

gurantes aphorismos ou as tenebrosas blasphemias que alli se debatiam cada noite. Todas as ideias eram ali toleradas, comtanto que fossem novas, originaes e audazes, revolucionarias na arte ou na philosophia. Havia uma intolerancia inflexivel contra as verdades já demonstradas ou evidentes, como tambem contra as retumbantes phrases já feitas. Um dos iniciados dissera uma vez, no calor da discussão: «Isto é tão certo, como dois mais dois serem quatro». Todo o *Parafuso* levantou-se indignado e votou unanimemente a expulsão immediata do banal. Uma noite, outro socio, um poeta, que estava exaltando os heroes da espada, empregára infamemente este velho *cliché*: o carro da *gloria*. Um philosopho erguera-se então e interrompera-o, proclamando em voz soturna:

—O chamado carro da gloria é como o carro do deus Djaguernate, que passa nas ruas de Benares—a Roma do Brahmanismo—por cima dos corpos prostrados dos seus

adoradores. E um heroe não é senão um cocheiro embriagado, que vae pelos caminhos asperos da historia, atropellando o direito e esmagando os povos!

O poeta calára-se, vencido, entre os applausos da assembleia; mas, n'essa mesma noite, desforrára-se terrivelmente do philosopho; pois que, tendo este proferido as seguintes palavras: a *voz do sangue*, o poeta prostrára-o com estes golpes:

—A chamada voz do sangue é o egoismo das familias, assim como o patriotismo é o egoismo das nações, e a philantropia o egoismo da humanidade. Todo o amor que se limita é uma medalha em cujo reverso está gravado o odio. A especie humana é uma fracção infinitesima do universo, que mal se percebe na escala incommensuravel dos seres. O verdadeiro amor é infinito como a Natureza. Sentir dentro em si a alma universal das Cousas, ter a mesma consciencia, una e indivisivel, dos átomos e dos astros,

vêr, com a mesma lucidez simultanea e sympathica, o infusorio e o Leviathan—é ser Deus. Aquelle que se approxima d'este Ideal, aproxima-se das fontes eternas de todo o Direito.

Taes eram as cousas estranhas que se ou-
viam nos debates do *Parafuso*, onde parecia
haverem-se reanimado, em plena civilização
utilitaria, os puros espiritos que outr'ora, nos
jardins de Academus e á inspiradora luz das
constellações da Hellade, noctivagavam se-
meando ideias.

O hespanhol, que era um grande orador,
como já terão comprehendido, estava uma
noite, com alguns companheiros do *Para-
fuso*, no meio de uma praça publica. Tinha
elle acabado de contar uma anecdota engra-
çada, para fazer o quê, principiára, segundo
o costume, por se desfazer do chapéo. Um
estudante dissera-lhe então, para o ouvir:

—Tem dó d'esse miseravel . . . e da tua
cabeça exposta ao relento.

E elle, immediatamente, com uma imperturbavel seriedade patusca despejára sobre os companheiros uma arenga torrencial, que tinha durado mais de meia hora e que principiava, pouco mais ou menos, assim:

—«Miseraveis são vocês, filhos de uma raça degenerada, que precisam de se cobrir para se não constipar!

«Miseraveis são vocês, descendentes indignos de um Pacheco, de um Albuquerque, de um Castro, d'esses heroes que de certo haveriam tirado o chapéo nas jornadas illustres de Diu, de Gôa, de Cochim, d'Ormuz, de Malaca, senão para saudar o inimigo, como os francezes em Fontenoy, senão mesmo para saudar o trovejante deus das victorias, o Jupiter tonante dos hebreus e dos christãos, senão ainda para saudar o sol fulgurante e abrazador d'aquelles climas, ao menos para enxugar o sublime suor que nas grandes pelejas escorre de todas as testas,

mesmo das testas épicas, e em maior copia nas flammejantes batalhas do oriente! . . .

Vozes: Muito bem! Muito bem!

«Miseraveis são vocês, bastarda geração dos rijos lidadores, que andavam em continuas brigas homéricas, com elmos de bronze, couraças de ferro e montantes d'aço; enquanto vocês, hoje, anémicos, rachiticos, inuteis, passeiam no Chiado e na rua do Oiro com *badines* de cautchuc, camisolas de flanela e chapéos de côco! . . .

Ruidosas interrupções, applausos, protestos, risos.

«Rapazes do meu tempo: eu pareço tão debil e enfezado como vocês . . .

Uma voz: Mas és muito mais feio.

«Sou muito mais feio, é verdade, mas por isso tambem muito menos effeminado e ridiculo . . . Consinto, parodiando Themistocles, que se riam, mas escutem . . . Eu nasci n'uma das Vascongadas, sou quasi compatriota d'aquelle Henrique de Navarra, d'a-

quelle rude montanhez do Bearn que ia caçar á faca o bravo javali das suas brenhas, com a cabeça nua, ao sol e á neve, e que, se na batalha de Ivry poz o chapéo na cabeça, foi sómente para que a sua pluma branca indicasse aos companheiros d'armas o caminho da gloria.

«Vascos, Navarros, Gascões são lobos, teem a cabeça e o peito rijos, não usam chapéos, não teem medo ao relento, não receiam pneumonias . . .

Interrupção: Talvez receiem montarias.

«Talvez . . . E, para que m'as não façam, sou o primeiro a confessar, que, attendendo ás condições peculiares do meu semblante, eu decretaria, se pudesse—em vez de chapéo—a mascara obrigatoria.

Riso.

«Quanto ao chapéo, todos os homens, e principalmente os oradores, deviam banil-o de suas cabeças. Os grandes tribunos da antiguidade fallavam descobertos. Eu bem sei

que Shakespeare faz trazer chapéos aos Romanos das suas tragedias, mas vocês não ignoram que o Eschylo inglez commetteu esse anachronismo e outros erros grosseiros, porque lhe acontecia dormir ás vezes, como ao bom Homero. Ora imaginem um pouco Demosthenes ou Cicero, de chapéo, de tricorne, de barrete, de mitra, de turbante, de gorro, de capacete, de lenço na cabeça, de boina, de touca, de carapuça, de soldado, cobertos emfim do que vocês quizerem, e digam-me depois se tomariam a sério as *Catilinarias* ou as *Phillippicas*! . . .

«Oradores de chapéo na cabeça só se vêem nos *meetings* d'esses barbaros modernos, que tudo sabem, excepto o culto respeitoso que se deve a Polymnia, a divina Musa da eloquencia!

«Oiçam isto, sem me interromper, que é historico. Uma noite famosa, em Paris, tão famosa como esta de hoje será esquecida, levantou-se d'um banco no club dos Jacobinos,

descoberto, com a sua alta cabelleira cuidadosamente composta, um homem de face livida, gelada, impenetravel como um mysterio, e caminhou gravemente para a tribuna.

Movimento de attenção.

«Quando passava ao pé de um *sans-culotte*, tirou este o seu gorro phrygio e pôl-o na cabeça d'aquelle homem. Elle, então, com um frio desdem, pegou no barrete vermelho e deixou-o simplesmente cahir no chão. Esse homem, vocês advinharam-n'ô já, era Robespierre, o grande Incorruptivel. Tão simples gesto era n'aquella situação um verdadeiro acto de coragem e merece todo o meu applauso . . . Assim podesse eu perdoar ao lugubre theorista do governo pelo terror, ao dictador sinistro da Revolução em demencia, o sangue impiamente vertido, o sangue precioso de Vergniaud, de Danton, do meu pobre Camillo Desmoulins, de tantos confesores e martyres, como elle mesmo o foi, da suprema religião democratica! . . .

Verdadeira sensação.

«Mas não penetremos nas gehenas da historia . . .

Vozes: Não penetremos! Não penetremos!

«Scismadores noctambulos, sympathicos bohemios, dignos peripatheticos lusitanos: saibam que a Natureza fez da cabeça humana o laboratorio augusto do pensamento, a gloriosa antecamara da acção e da palavra, a parte mais alta e nobre do corpo, afim de a trazermos bem descoberta e visivel a toda a luz, como um cimo aureolado, não para a taparmos como um objecto vergonhoso . . .

Grandes applausos.

«Ora ahi teem vocês porque eu ando sempre descoberto. A minha cabeça é um vulcão. Imaginem o Vesuvio de carapuça! E demais, amigos meus, eu não vejo n'esta praça o *forum* dos Romanos nem o *ágora* dos Gregos, d'onde possa fulminar os tyrannos... Tão pouco vejo o frondoso carvalho de Guernica, a arvore sagrada dos *fueros* que prote-

gia as livres assembleias dos meus compatriotas . . . Em vez d'ella, deviso n'esta praça apenas algumas tisticas arvores municipaes . . .

Interrupção: Isso é com o vereador do pelouro dos jardins.

«Pois seja . . . Mas, como aqui não ha nem *forum*, nem *ágora*, nem roble de Guernica, respeitem vocês, continuos interruptores, grandes typos, o meu chapéo. Elle não é o chapéo odioso que symbolisava a tyrannia austriaca, como eu não sou Gessler e nenhum de vocês é Guilherme Tell . . . Respeitem este companheiro e martyr do meu exilio, posto aqui em chão estrangeiro; respeitem-n'o como um symbolo da gloriosa e infeliz tribuna hespanhola, hoje reduzida ao silencio na patria e condemnada a peregrinar por estranhas terras! . . .»

Applausos delirantes, vivas freneticos ao orador e ao seu chapéo, aos companheiros do

«Parafuso», á paz universal, á solidariedade humana, etc.

Já os leitores ficaram sabendo que o moço hespanhol era um republicano. Estava emigrado em Portugal depois do golpe dado na revolução do paiz visinho pela revolta militar de que foi coripheu o snr. Martinez Campos, esse Monk hespanhol. A revolução de 68 achára o moço orador estudando medicina em Valladolid, e transformára-o logo n'um ardente tribuno popular. Depressa tornou-se conhecido e sympathico nos clubs republicanos e socialistas d'aquella cidade, pela sua eloquencia espontanea, apaixonada e ultra-revolucionaria. Quando em Valladolid se soube do attentado do general Pavia contra as côrtes, os estudantes tentaram resistir levantando barricadas; mas a insurreição depressa foi suffocada pelas tropas e o Vasco, o nosso rapaz, apanhado com as mãos negras de polvora. Levado á presença do general commandante, esse pretoriano chamou-lhe

salteador. O Vasco retorquiou: «Salteador és tu que assaltas a Lei.» O estudante ia ser fuzilado, quando altas influencias de familia poderam valer-lhe a tempo, e veio então exilado para Lisboa.

O trecho, que citamos, de uma arenga do hespanhol, d'um improviso folião, feito simplesmente para entreter meia duzia de amigos n'um passeio ao luar, trecho de mais a mais incompletamente citado, não dá senão uma fraca ideia da sua prodigiosa eloquencia nativa. Porque é preciso saber-se que elle, um Thersites na figura, na alma um Diomedes, era na eloquencia um Danton. Como os rarissimos oradores que o são devéras, nunca preparava um discurso, como não preparava nada. A eloquencia brotava-lhe mais do coração que da cabeça. Porisso tambem, menos elegante, menos correcta, menos rhetorica e menos erudita que a do seu compatriota Castellar, era muito mais verdadeira, mais popular, mais humana, commovente e persuasi-

va, mais eloquencia emfim: Cheia, successiva e alternadamente, de gritos d'alma, de ditos picarescos de gaiato, de phrases sublimes, de ideias práticas, de sonhos de vidente, de brados d'alarma, de imagens vivas e coloridas, de epigrammas anodynos, de improprios sangrentos, de ironias agudas, de vulgarismos facetos, de sentenças profundas, de rugidos ameaçadores, de palavras de perdão, de paradoxos brilhantes, de verdades solidas, de erros generosos, de vago bater d'azas pela região etherea das utopias e de lucida e recta penetração pela floresta emmanhada dos systemas — a sua eloquencia torrencial era como aquelles grandes rios americanos, que, n'uma cheia caudalosa, arrastam de mistura troncos seculares com palhas insignificantes, rebanhos inteiros de bisões e outros animaes uteis com myriades de insectos e reptis nocivos e o limo revolto e sujo do seu leito com scintillantes areias de fino oiro de alluvião.

E a sua grande voz percorria toda a gamma do sentimento e da paixão, dava todas as notas da alma humana. Fallava, retinia, vibrava, trovejava, gemia, ria, bramava, comovendo, arrebatando, alegrando, entristecendo, lisongeando, escarnecendo, consolando, raciocinando, persuadindo.

As palavras rompiam-lhe do labio em borbotões ferventes, como as aguas de um rico manancial nativo.

E elle, pallido, tempestuoso, espumante, bravio, transmittia á multidão arquejante choques electricos semelhantes aos que gera a pilha victor-hugana, quando põe em contacto o grotesco e o tragico, o bello e o horrivel, como nas creações de Triboulet, do *Homme qui rit* ou do Satyro da «Lenda dos Seculos».

O moço agitador persuadia e arrebatava os operarios, mas principalmente as mulheres, apesar e talvez mesmo por causa da extrema fealdade do seu semblante. É sabido

que as mulheres, mas em supremo grau as hespanholas, por effeito da sua organização toda sensível, vibram com muito maior intensidade que os homens, quando sacudidas pelas grandes emoções do talento e da paixão. Além d'isso, um dos themas predilectos do Vasco era a redempção da mulher por meio de uma reforma radical das leis e dos costumes, tendente a abolir a ignorancia e a miseria, essas duas fontes d'onde mana o vasto charco social—a prostituição. Eis porque as mulheres sentiam-se attrahidas, como por um estranho encanto, para aquella especie de monstro sublime que as arrebatava, como um hypogripho, nas azas do genio a umas regiões lucidas de poesia consoladora e maravilhosa, com que ellas até então mal haviam sonhado, occupadas em seus triviaes amores, em frequentar praças de touros e tertulias, em ouvir serenadas ou nas práticas de uma devoção rotineira e obscurante. Elle desvendava-lhes um quadro magico, no qual

*

viam, nitidamente delineada e vivamente colorida, a superior destinação da mulher, como esposa e mãe, companheira e amiga do homem, egual a elle, não só na familia, mas tambem na sociedade, isto é como cidadã e, especialmente, como educadora das novas gerações. Dizia-lhes, que, assim como a humanidade e a natureza inteira se fundam no amor, sem o qual nada existiria, assim tambem a missão da mulher é toda exclusivamente de amor, mas de um amor castissimo, acrisolado pela virtude, pela dignidade, pelo sacrificio completo de todas as vaidades e paixões sensuaes, tendo como recompensa, mesmo n'este mundo, o goso intemerato dos deveres cumpridos, a felicidade sem mácula do affecto e da gratidão dos seus e a gloria quasi celeste do respeito e da admiração dos outros homens.

Então, quando elle assim fallava, completamente transfigurado pelo fervor das suas convicções, com o seu poderoso labio trému-

lo e vibrante de inspiração, com a sua grande voz, ora trovejante, ora consoladora, e o seu fulvo olhar fuzilando relampagos de cólera sagrada contra as injustiças do presente, ou resplandecendo com a luz esperançosa e meiga das auroras ideaes do porvir — as mulheres, que o escutavam como a um apóstolo, não podiam represar as lagrimas, e chegavam a achar formoso como um archanjo de redempção aquelle pobre rapaz a quem a natureza déra, com amor de mãe opulenta, tão bellos dotes de espirito, ao passo que, por um rancor de madrasta, o fazia tão disforme de corpo.

E esse era, na verdade, um dos maiores triumphos, que é dado á omnipotente belleza do espirito alcançar, por meio da palavra humana, contra a vil hediondez da materia.

Um dos dois companheiros do Vasco chamava-se Novaes. Era um bello rapaz, muito pallido, não da pallidez doentia dos lisboetas, mas d'essa tez naturalmente branca e

mate, como a superficie de uma pérola despolida. Natural de uma provincia do norte, o seu typo era dos mais finos que se encontram em Portugal. Cabellos e olhos muito negros com reflexos azulados; um pescoço de ephêbo; as mãos alvas, pequenas e admiravelmente modeladas, um pouco feminis no cheio da carnadura, mas fortes e nervosas, deixando transparecer a reticulação fina das veias sem relevo, d'um azul esmaecido. Era um estudante que fizera os seus preparatorios no Porto e frequentava, n'aquelle tempo, a escola de medicina em Lisboa. Havia no seu aspecto, mesmo quando sorria, uma seriedade glacial; mas percebia-se que era apenas o effeito da melancolia do seu tempêramento, e talvez tambem de alguma causa moral occulta que fôra indiscreto inquirir. O certo é que elle era o melhor dos companheiros, generoso, entusiasta e apaixonado por tudo quanto ha bello e justo. Sómente, o seu ardor não explosia de ordinario em gestos e gritos exal-

tados; e a sua alma vibratil e fogosa era mascarada pela sua face de uma brancura gélida.

Tornára-se conhecido entre a mocidade das escólas e n'uma certa roda litteraria, pela excentricidade do seu porte e por alguns versos que publicára em periodicos. Eram versos francamente românticos, um pouco imbuidos do scepticismo de Byron, Musset e Espronceda, mas vasados em moldes mais modernos, um tanto baudelairianos, e allian-do ás vezes, por um contraste singular, estas coisas aliás tão dissimilares: a ironia pungente do satanismo, a extravagancia alegre e descuidosa da bohemia de estudantes e artistas e um perfume portuguezissimo de tristeza dolente e amorosa.

Comtudo, mais adiantado em sociologia do que em arte, embora fosse dos democratas alcunhados de sentimentaes por certos sabios, que emprehenderam resolver todo o problema social por meio de uma equação

abstracta, da qual eliminaram, como um termo nullo, o sentimento—como se pudesse haver doutrina moral ou politica, verdadeira noção de direitos e deveres que se não cimente nas faculdades affectivas!—Novaes sentia uma profunda indignação, ateadá pela sua indole e avivada pelos seus estudos historicos, contra todas as desigualdades, privilegios e abusos de força inspirados pelo egoismo das castas e das classes. Porisso tambem, o seu amor aos apóstolos da Revolução era tão vehemente, como o seu odio aos conservadores e aos reaccionarios. Aborrecia, por exemplo, o cura de Santa-Cruz e o snr. Thiers, porém ainda mais implacavelmente o assassino de Rossel, do que o salteador tonsurado das guerrilhas carlistas. Porque—explicava—o cura de Santa-Cruz não passa de um vulgar assassino e ladrão de estrada, que talvez tenha a attenuante do seu fanatismo; emquanto que o *velho burguez sinistro*, esse é um grande malfeitor a san-

gue-frio, o representante odioso da infame politica egoista, calculada, sceptica, hypocrita e covarde, com que as modernas oligarchias de capitalistas, proprietarios, industriaes e burocratas opprimem e expoliam— com as monarchias ou com as republicas conservadoras— a multidão trabalhadora e indigente.

O terceiro rapaz, o companheiro do Vasco e de Novaes, chamava-se Franco, e era, como os dois, socio do *Parafuso*.

III

Os tres, chegados ao caes do Sodr e, olharam para o rio, olharam para a multidão que enchia o Aterro, e o Vasco propoz com um largo gesto:

—Al rio, amigos!

Novaes respondeu serenamente:

—Não pôde ser. A policia . . .

E o hespanhol, com um rugido:

—Abajo la poli . . .

Novaes não o deixou concluir, abafou-lhe o grito levando-lhe vivamente á bocca a sua mão nervosa, e disse-lhe com um sorriso:

—Cala-te, maluco! Senão, filam-te; e olha que, d'esta vez, nem sequer terás, como em Valladolid, a honra de ser fuzilado . . . por um triz; mas serás hospedado no palacio do conde Andeiro.

—El conde Andeiro! . . . Trataria mui bien a un español—retorquiu o Vasco, rindo com bonacheirice.

Franco suggeriu:

—Tentemos a expedição.

—Tentemos! repetiram os outros.

E os tres, rompendo por entre a multidão, abeiraram-se do caes. Grande numero de botes balouçavam-se de encontro á cantaria, como carcassas de cetaceos arrojadas á praia. Os catraeiros bocejavam estirados ao sol, aborrecidos da inacção forçada; mas, vendo os recémchegados, dois d'elles, que adivi-

nharam logo o desejo dos rapazes, com a rápida percepção de todos os catraeiros e cocheiros, saltaram de um barco para o caes, gritando:

—Querem bote, patrões?

—E a prohibição?... perguntou-lhes Novaes.

Um dos catraeiros disse:

—Qual prohibição nem meia prohibição! A gente precisa de ganhar a vida; e não é o tal Gallos (*sic*) quem nos dá de comer. Os inglezes que se . . .

Os tres rapazes saltaram para o bote.

—Para onde vamos, patrões?

—A la esquadra ingleza! trovejou o Vasco.

—Para o meio da esquadra ingleza, confirmou Novaes.

Os catraeiros firmaram os pés, estenderam as pernas, dobraram-se para traz nos seus bancos e, retezando os musculos varonis, principiaram a remar n'um soberbo arranque;

e, sem ninguem lhe pôr estorvos, sob as vistas surpresas da gente encostada ás muralhas do caes, no meio da inacção completa n'aquella parte do Tejo, a casquinha de noz rompia velozmente o rio em direitura aos couraçados.

Era tempo. O triumpho naval, a grande apotheose ao principe de Galles approxima-va-se. O *Serapis* tinha largado o seu ancoradouro, que era proximamente nas alturas de Santa Apollonia, e vogava já, lembrando ùm enorme albatroz das faunas gigantescas de outros planetas. A fragata *Raleigh*, que devia ir na conserva do *Serapis*, começava a navegar tambem, mas muito mais ao largo, e abalroava, logo ás primeiras voltas de hélice, com a nossa corveta *Rainha de Portugal*, que ia fazer as honras da barra ao principe inglez, e á qual o bruto commandante da *Raleigh* partiu a figura de prôa e fez outras avarias.

Apesar da valentia com que os dois ca-

traeiros remavam, o *Serapis*, comquanto navegasse a meio vapor, avançava muito mais rapidamente do que o bote, como um elefante, na sua andadura ordinaria, levaria dianteira a uma formiga que se apressasse. Contudo, o bote estava muito mais perto da esquadra, os remadores redobraram de esforços, e o barquinho, dirigindo-se obliquamente para a linha de marcha do *Serapis*, chegou, minutos antes d'este, a um ponto d'essa linha, já nas aguas dos primeiros dois couraçados, um dos quaes era o *Black-Prince*.

N'esse momento, um official d'este navio, (que tinha a pôpa virada para a barra), appareceu ao portaló de bombordo. Aquelle homem surgiu á vista dos peninsulares que iam no bote, como a viva personificação da moderna Cathargo. Duas côres predominavam no corpo e no uniforme d'elle: a côr do oiro e a do sangue. O ouro nas dragonas, nos galões, nos botões, na espada, no cabello e nas

barbas; o sangue na cara e nas mãos. Era toda a historia da Inglaterra, impressa a duas côres em um dos seus filhos. O official, evidentemente encolerizado, gritou com intimativa:

—*Out of the way!* (fóra do caminho!)

No bote, os olhos do Vasco fuzilaram. Franco estava impassivel. Novaes ordenou seccamente, sem um gesto, aos catraeiros:

—Não remem.

O official repetiu, furioso, com toda a força dos seus pulmões:

—*Out of the way! out of the way!*

O hespanhol ergueu-se no bote com uma cara de metter medo, mediu com um terrivel olhar o inglez, e desatou uma gargalhada formidavel, em que se sentia toda a dôr e toda a raiva causadas por essa grande ferida, que—na phrase de Oliveira Martins—sangra constantemente no flanco da Hespanha: Gibraltar.

Os quatro portuguezes estavam impassivi-

veis como a estatua do Commendador; e o bote continuava parado entre o *Black-Prince* e o outro *iron-clad* ancorado parallelamente áquelle, no principio da via triumphal preparada para o *Scrapis*, que ia avançando rapidamente para o bote, ameaçando submergil-o. Os marinheiros formados nas vergas dos dois couraçados olhavam de revez para o pequenino barco insolente.

O official do *Black-Prince*, com a face apoplectica e os olhos injectados de sangue, estendeu o punho fechado para o bote e regougou:

—*God damn!*

O Vasco respondeu-lhe com outra gargalhada ainda mais estridente e feroz do que a primeira.

Viu-se, então, o official abrir a bocca; mas a voz estrangulou-se-lhe na garganta; empallideceu e fez-se immediatamente vermelho como um bife crú; agitou descompasadamente o ar com os braços, que logo lhe

descahiram inertes. Era um principio de congestão cerebral.

A enorme prôa do *Serapis* estava a dez metros do bote.

N'esse lance arriscado, os catraeiros, sem esperarem uma ordem que lhes não dava qualquer dos tres rapazes completamente absortos e divertidos com o aspecto tragi-comico do inglez, manobraram rapidamente e, em quatro valentes remaças, levaram o bote para debaixo da pôpa do *Black-Prince*.

Apenas a prôa do *Serapis* apontou á linha das prôas dos dois primeiros couraçados, uma ovação immensa, atroadora e realmente grandiosa começou.

Espectaculo indescriptivel!

Ás guelas enormes dos Armstrongs da esquadra assomaram jactos de flamma relampejante, seguidos de formidaveis trovões; bandas marciaes romperam o *God save the queen*, e algumas mil boccas de marinheiros

e soldados conclamaram n'uma grita homérica:

—*Hurrah for the prince of Wales!*

Hip! hip! hip! hurrah!

Hip! hip! hip! hurrah!

Hip! hip! hip! hurrah!

Uma densa fumarada envolveu os navios. O estridor das salvas de artilheria, dos hymnos e dos clamores não durou muito. Apenas o principe passou entre *as alas* dos dois navios e transpoz as suas aguas, um vasto silencio cahiu até ao momento de o *Serapis* chegar á altura dos dois couraçados seguintes.

O que se passava, entretanto, nas almas dos cinco homens do bote, era um sentimento tão complexo, que se não póde analysar com rigor nem exprimir com precisão. Comparsas esquecidos n'aquella scena de epopeia, testemunhas humilhadas d'aquelle triumpho incomparavel, se, por um lado, os seus temperamentos impressionaveis de pe-

ninsulares vibravam accordes com esse espectáculo poderosamente artistico, se sentiam eriçar-se-lhes o cabello e o frémito das emoções supremas sacudir-lhes os nervos, por outro lado uma cólera surda, um sombrio desespero, um odio atávico, de raça, tumultuavam n'aquelles cinco peitos—perante aquella imponentissima ostentação de força, de poder e de gloria que, para elles, era como que uma terrivel humilhação esmagadora. N'aquella hora solemne, todos os agravos, todas as expoliações, todas as affrontas, todos os vexames seculares infligidos pela Inglaterra aos dois povos da Peninsula, principalmente ao mais fraco, morderam, como viboras intestinas, os corações d'aquelles homens, dos portuguezes em especial. Nenhum d'elles fallava; mas as suas almas comprehendiam-se perfeitamente, não formavam n'aquelle momento mais do que uma só: a alma da patria. E todos, mesmo os dois catraeiros, estavam extremamente pallidos, em todos os

olhos havia um ardor de febre, n'alguns havia lagrimas.

E ninguem poderia dizer se essas lagrimas eram de entusiasmo pela gloriosa scena, se de raiva pela humilhação. O certo é que esses rapazes, esses estudantes levianos e *blagueurs* que, meia hora antes, teriam sido capazes, se lhes dêsse para isso, de se rirem da patria e do patriotismo como de preconceitos ridiculos e anachronicos, dariam n'aquelle momento o sangue das suas veias para vêrem triumphar essa mesma patria, como estava triumphando ali, na presença d'elles, aquella odiosa nação estrangeira e inimiga. O bifronte animal humano, que tantas e tantas vezes deixa vêr uma das suas faces, a face vil, aquella onde se estampa o egoismo feroz e repellente, mostrava n'aquelle instante a sua face augusta, illuminada pela intima luz de um sentimento sublime.

Como o *Scrapis* se affastava, muitos inglezes do *Black-Prince* assomáram á pôpa

do navio, por cima do bote, e, enquanto uns seguiam com a vista o transporte real, outros, debruçados, olhavam curiosamente para a gente do barquinho.

De repente, no meio do profundo silencio que succedera aos ultimos *hurrahs*, um dos portuguezes levantou-se no bote, com um movimento sacudido, como se despertasse de um pezadello. Era o Franco. Levantou-se e levou a mão ao chapéo. Vendo isso, Novaes ergueu-se tambem de golpe, como se o houvesse picado uma serpente; e, livido, trémulo, ameaçador, com os olhos em fogo, cresceu para o Franco e disse-lhe com os dentes cerrados:

—Que vaes fazer, desgraçado?... Se dás um viva, esgano-te!

O Franco estendeu, com um olhar estranho, a mão esquerda aberta para impôr silencio ao Novaes, com a direita agitou o chapéo e, olhando fixamente para cima, para

os homens do *Black-Prince*, gritou com uma energia profunda, frenética, allucinada:

—Borra para o principe de Galles!

E borra! e borra! e borra!...

Immediatamente, o Novaes, passando da raiva a um entusiasmo delirante, o Vasco sacudido por uma alegria heroica, e os dois catraeiros, contagiados pela exaltação vingadora dos rapazes, romperam, com o Franco, n'um côro unisono e ardentissimo:

—Borra para o principe de Galles!

E borrrra! e borrrra! e borrrra!...

Á pôpa do *Black-Prince*, as faces espessas dos inglezes—graças á solida quão pesada e morosa intelligencia que os caracteriza—dilatavam-se de satisfação e de orgulho, por verem aquelles cinco filhos de uma raça estrangeira, por elles avexada, tomando, apesar d'isso, uma parte tão cordial na manifestação em honra do poderoso principe, e até proferindo, talvez por fina deferencia,

uma phrase gratulatoria que se confundia com a de *hip! hurrah!*

E olhavam, penhorados, sorrindo, para os do bote. Alguns, mais delicados, diziam:

—*Thanks! Thank you!*

Outros, mais ativos, com superioridade:

—*Yess! Yess! All right!*

No bote, a reacção não tardou. Estrondosas gargalhadas rebentaram. O Vasco abraçava e beijava doidamente o Franco. No-vaes, com lagrimas de alegria, pedia-lhe perdão do seu engano e dizia-lhe:

—Foste sublime!

Os catraeiros riam e choravam, sem que podessem bem dizer porquê.

*

* *

N'essa mesma noite, a assembleia do *Parafuso* reuniu-se em sessão magna. O Vasco pediu a palavra e expoz os acontecimentos

do dia n'um soberbo discurso, cortado por applausos vertiginosos.

Disse, em resumo, que o Franco, por uma inspiração do alto, achára no momento proprio a palavra da situação. Fez a apologia d'essa palavra, e, remontando á antiguidade, dissertou ácerca dos mythos do Lingam e do Phallus. Confessou que a lingua de Cervantes invejava a lingua de Camões, por esta haver dado áquella palavra, que era um substantivo, os fóros de interjeição. Accrescentou que era a interjeição mais energica de todas as linguas e que, n'aquelle dia, ella tivera a gloria de resumir a vingança de dois povos. Provou, n'um raptó eloquentissimo, que uma palavra é sublime ou vil conforme a occasião, o modo e o fim com que se profere—citando, n'este ponto, Victor Hugo e o capitulo dos *Miseraveis* ácerca da immortal resposta dada, no ultimo quadrado em Waterloo, por Cambronne aos inglezes. E concluiu, no meio de estrondosas acclama-

ções, propondo que ao Franco fosse conferida pela assembleia a honra d'este cognome: o Cambronne portuguez.

Pondo termo a esta narração, só nos resta accrescentar que ella é, na sua essencia, absolutamente historica e mais veridica do que muitas historias que por ahi correm mundo com a chancella das Academias. Estão vivas as pessoas que d'isso pódem dar testemunho. Á falta, pois, de outro mérito, ninguem tem o direito de contestar á *variante portugueza* da palavra de Cambronne—o ella ter sido arrojada, em pleno Tejo, ás facces da Inglaterra.



...que se trata de un ...
...de la ...
...de la ...

...de la ...
...de la ...
...de la ...

NOTAS

...de la ...
...de la ...
...de la ...



NOTA

(1907)

(1907)

... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...

... e auctor d'este livro pelo sr. ...

... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...
... e auctor d'este livro pelo sr. ...

UM NEGREIRO INGLEZ

NOTA I

(*Á pag. 30*)

CARTA endereçada ao auctor d'este livro pelo snr. AUGUSTO DE CASTILHO, capitão-tenente da armada portugueza, official distinctissimo por seus longos e relevantes serviços em Africa, principalmente pelas suas importantes contribuições para a hydrographia do delta do Zambeze e da costa de Moçambique. Esta carta foi publicada no *Commercio de Portugal*, de 20 de abril de 1883.

Meu caro Fernando Leal:

Desejou v. conhecer a minha opinião ácerca do facto incidentalmente referido pelo snr. deputado Mariano de Carvalho n'uma das ultimas sessões da camara, e relativo a um caso de verdadeira escravatura, praticado por um navio de guerra de Sua Magestade

Britannica no porto de Moçambique, e annuindo de bom grado ao seu desejo, vou dar-lhe conta de todas as circumstancias que acompanharam esse espantoso acontecimento, auctorisando-o desde já a fazer d'esta carta o uso que lhe aprouver.

Governava a provincia de Moçambique o seu chorado, zeloso e honradissimo tio e meu amigo, o snr. coronel Fernando da Costa Leal, e estava fundeada no porto da capital a corveta *Infante D. João*, do commando do chefe da estação naval, hoje vice-almirante, João Eusebio de Oliveira, sob cujas ordens eu servia como official de guarnição.

Corria o anno de 1869, durante o qual varias vezes appareceu em Moçambique a corveta ingleza a vapor *Daphne*, do commando do capitão G. L. Sullivan, empregada no cruzeiro contra o trafico da escravatura; e dava-se a estranha coincidencia de que, sempre que ella sahia de Moçambique, faltavam em terra alguns pretos. No dia 11 de setembro

estando a *Daphne* havia dias fundeada no porto, foi queixar-se ao governador geral o proprietario Celestino Feliciano de Menezes de que lhe faltavam dois pretos libertos do seu serviço, os quaes, segundo se suspeitava, estavam retidos a bordo do navio de guerra inglez.

O governador geral officiou immediatamente ao commandante da estação naval portugueza ácerca do occorrido, dizendo-lhe que visto ser aquelle, ao que parecia, um caso de puro trafico de escravatura, posto que praticado nas mais extraordinarias circumstancias, o entregava completamente nas suas mãos para que elle o averiguasse a fundo, dando-lhe conta ulterior do que occorresse.

O commandante João Eusebio não hesitou um momento sobre aquillo que lhe cumpria fazer, e foi n'esse mesmo dia em minha companhia a bordo da *Daphne* para ouvir o que podessem dizer-lhe do obscuro caso.

O commandante inglez George Lydiard

Sullivan, capitão de mar e guerra (*captain*) desde 1 de junho d'esse anno, não tinha ainda conhecimento da sua promoção e usava dos galões correspondentes ao posto de capitão de fragata (*commander*). O commandante recebeu-nos com toda a cortezia e conduziu-nos á sua camarinha, situada debaixo do tombadilho e tendo a meio uma enorme peça apontada para ré, na direcção do eixo do navio. Pelas duas portinholas rasgadas aos dois bordos e pela da pôpa entrava francamente a suave viração da tarde que mitigava os ardores da temperatura de um sol esplendido.

O commandante João Eusebio expôz ao commandante Sullivan os boatos que em terra corriam ácerca de existirem alguns pretos aprisionados a bordo da *Daphne*, accrescentando que, bem sabia que a noticia devia ser falsa, por ser inverosimil e absurda, mas que em todo o caso gostava de a ouvir desmentida cathegoricamente pelo proprio commandante.

Respondeu-lhe sem demora este, que em algumas das suas viagens anteriores tinham com effeito varios pretos de terra buscado voluntariamente a bordo da *Daphne* a protecção da bandeira ingleza contra os maus tractos dos seus patrões de Moçambique, protecção que elle commandante não julgára dever recusar-lhes, recebendo-os a bordo e transportando-os depois para as Seychelles ou outros pontos onde elles tomavam serviço voluntario com outros patrões; mas que, pensando melhor e receiando que de tal procedimento, quando mal interpretado, podessem surgir quaesquer complicações com o governo portuguez, resolvera não mais attender semelhantes queixas, e dera n'esse sentido ao seu immediato as convenientes instrucções.

Chamado o immediato e interrogado pelo commandante Sullivan, affirmou que as sentinellas do navio tinham ordens positivas para não deixarem entrar a bordo quaesquer pretos de terra, incluindo mesmo os das casqui-

nhas que habitualmente vinham vender peixe, busios, laranjas, etc., e accrescentou que nenhum preto estava portanto a bordo.

Claro está que, por muito exigentes que nós tivéssemos querido ser, não podíamos deixar de ficar plenamente satisfeitos em vista de tão formaes, peremptorias e officiaes declarações.

Em seguida a isto pediu o commandante João Eusebio para visitar o navio todo, demorando-se longo tempo a percorrer e examinar as cobertas, alojamentos de officiaes, casas das machinas e paioes, e inspeccionando a artilheria e armamento de mão, com que a guarnição manobrou dando alguns tiros, para apreciarmos a excellencia do então moderno systema das carabinas Martiny Henry.

Finda a visita regressámos a bordo da *Infante D. João* sem mais novidade.

Mas a estranha comedia estava apenas em meio.

N'essa mesma noite, pelas duas horas, estava eu de serviço, e passeava em cima da tolda da corveta, no meio do mais sepulchral silencio da guarnição que dormia. Apenas a espaços se ouvia o soar das horas tangidas pela ronda do sino á prôa, e o álerda das sentinellas dos portalós. A noite sem lua mas estrellada, clara e amenissima como em geral são as noites tropicaes e como são especialmente as de Moçambique, convidava a alma a expandir-se em largas cogitações de memoria, e levava-me a scismar em abstractas aspirações, ou em recordações saudosas de tempos passados. Estava eu, pois, devaneando assim no mais feliz dos mundos, quando repentinamente fui surprehendido por gritos afflictivos que se ouviam na agua, e a certa distancia pela pôpa fóra. Mandei immediatamente arriar um escaler e remar na direcção d'onde vinham os gritos, e pouco depois regressou este trazendo dois pretos que tinha apanhado nadando em direc-

ção á *D. João* em risco de serem devorados pelos tubarões.

Um dos pretos fallava regularmente o portuguez e foi interrogado por mim logo que se refez do sobresalto e poude fallar; isto é, depois de se ter enxugado por fóra com roupa que um marinheiro lhe deu, e por dentro com uma *praça* de cachaça que lhe mandei dar. O preto declarou que era serviçal do proprietario Celestino Feliciano de Menezes; que na vespera estivera nas escadas da ponte-caes com um quitundo de laranjas para vender aos marinheiros que appareciam, e que alli viera o commandante Sullivan da corveta ingleza para embarcar na sua canôa. Que este o convidára então a vir com as laranjas para a *Daphne*, onde encontraria mercado mais facil do que a ponte-caes, durante aquellas horas ardentes do dia, lhe poderia offerecer.

O preto acceitou o convite de boa fé, mettu-se com o commandante na canôa, e esta seguiu de voga larga e arrancada em direcção

ao nobre navio de S. M. B. Chegando ali, porém, reconhecera o pobre preto que entre prometter e cumprir vae uma grande differença, e que nem sempre a palavra honrada de um commandante inglez póde ser tomada a sério. Logo que pôz o pé na tolda da corveta, foram-lhe provisoria e summariamente confiscadas as laranjas, querendo a negra e dura sorte que o desditoso e sombrio preto passasse a ser encarcerado nos escuros paioes do negro e mais duro carvão.

Declarou mais o preto que ali encontrára mais treze companheiros de infortunio igualmente escravizados por aquelles philanthropos e que ali jazeram longas horas de tormento. Que de noite, comtudo, querendo dar-se-lhes a faculdade de respirar algum ar puro, lhes tinham permittido vir dar um passeio no convez, e que n'essa occasião, illudindo a vigilancia das sentinellas, elle e o seu companheiro ali presentes se tinham deitado ao mar buscando a nado a corveta portugueza.

Dei conta do occorrido ao commandante da estação naval, e este officiou na manhã do dia 12, ao commandante Sulivan relatando-lhe os acontecimentos, dando conta das asserções dos pretos ácerca de haver ainda outros pretos prisioneiros, e terminando por pedir-lhe que os pozesse em liberdade.

O commandante Sulivan buscou a principio eximir-se a responder por escripto ao commandante portuguez sob pretexto de que ia pôr-se em comunicação official com o ex.^{mo} governador geral, e só respondeu depois de instado em segunda comunicação.

Dizia o commandante Sulivan que era verdade que a seu bordo se achavam alguns pretos, que de terra tinham para ali ido a nado n'uma precedente vinda a Moçambique, mas que visto como elles manifestavam agora desejos de desembarcar, elle lh'o consentiria, como já o fizera a outros em idênticas circumstancias.

É para notar, e muito para lamentar a fla-

grante e gravissima contradicção em que os factos e a carta escripta pelo commandante Sullivan estavam com o que elle nos havia oficialmente asseverado na vespera, escudando-se de mais a mais no depoimento do seu immediato.

O officio do commandante João Euzebio de Oliveira ao commandante inglez, foi levado pelo guarda-marinha, (hoje 1.º tenente), João Eduardo Schultz Xavier, ás 8 horas da manhã, e quando o seu escaler ia proximo ao navio, foram vistos alguns pretos debatendo-se no convez da *Daphne* contra os marinheiros que queriam impedil-os de lançar-se ao mar. Ainda assim um houve que conseguiu libertar-se dos seus detentores e que se lançou á agua, sendo recebido no escaler portuguez!

Pouco depois d'isto se passar, um bote da corveta ingleza ia desembarcar na praia do campo de S. Gabriel junto á fortaleza de S. Sebastião de Moçambique onze pretos e um moleque, que apenas se apanharam em chão

firme começaram a correr para longe dos seus perseguidores, com uma pressa pelo menos igual, mas muito mais justificada do que aquella com que elles haviam, no dizer do commandante Sullivan, buscado o seu navio... a nado.

Depois d'este incidente, recommendava prudentemente e por escripto o governador geral ao commandante da estação naval, que no caso de ficar ainda a *Daphne* algum tempo surta em Moçambique, fizesse rondar o porto com escaleres da *Infante D. João* a fim de se evitar que a *Daphne* raptasse mais algum preto. Não chegou isto porém a ser necessario, porque a *Daphne* levantou ancora e sahiu do porto sem mais demora.

Pouco depois, o commandante Sullivan, a quem pela sua recente promoção competia um navio de mais representação, foi nomeado commandante da nau *London*, estacionada em Zanzibar. Digna remuneração dos seus brilhantes feitos.

Sei que o governador geral de Moçambique e o commandante da estação naval deram minuciosa conta d'este estranho caso ao governo de Lisboa, mas do procedimento que este adoptasse perante o governo inglez para obter uma condigna satisfação, nada sei para lhe dizer.

Terminarei dizendo que á energica sollicitude do snr. coronel Fernando Leal, governador geral de Moçambique, e ás acertadas medidas do commandante da estação naval João Euzebio de Oliveira, se deve o exito que teve esta diligencia.

Aproveito a occasião para me subscrever

Seu do coração,

Augusto de Castilho.

Lisboa, 18 de abril de 1883.

AN ENGLISH SLAVER

LETTER addressed to the author of this book by commander A. DE CASTILHO, of the Portuguese R. N., an officer highly distinguished by his excellent services to the country, most specially by his important contributions to the hydrography of the Zambezan delta and of the East African coast. This letter was published in the *Commercio de Portugal*, a Lisbon diary, of the 20th of april, 1883.

My dear Fernando Leal:

You express a wish to have my opinion concerning a fact incidentally referred to by the deputy Mariano de Carvalho at one of the last meetings of the House of deputies and relating to a real case of slave trade by a man of war of Her Britannic Majesty at the port of Mozambique, and in conformity with your wishes I have the pleasure to give you all the circumstances that attended that surprising occurrence and I authorise you

at once to make use of this letter as you may think fit.

Your lamented, zealous and honorable uncle and my friend, colonel Fernando da Costa Leal, was at that time the governor of the province of Mozambique, and the corvette *Infante D. João* under the command of the now vice-admiral João Euzebio de Oliveira, chief of the naval station, was at anchor at the port of the capital. I was then under his orders as officer of the garrison.

It was in the year 1869, and during that year the british steam corvette *Daphne*, commanded by captain G. L. Sullivan, made her appearance different times at Mozambique as cruiser against the slave trade, and there was a strange coincidence, and that is, that, whenever she left Mozambique, some blacks were missing on shore. On the 11th September, the *Daphne* having already been at anchor for some days at the port, the landowner Celestino Feliciano de Menezes com-

plained to the governor general that two blacks in his service were missing and that it was suspected that they had been retained on board the british man of war.

The governor general wrote immediately to the commander of the Portuguese naval station concerning this occurrence, informing him that, as this appeared to be a true case of slave trade, although practiced under the most extraordinary circumstances, he placed it entirely in his hands, in order that he should enquire fully into the matter, informing him of the result.

The commander João Euzebio did not hesitate for a moment in doing his duty and he went that same day with me on board the *Daphne*, to hear the explanations that might be offered regarding this obscure case. The british captain George Lydiard Sullivan, captain since the 1st of june of that year, was not yet aware of his promotion and used the stripes of the post of commander. That of-

ficer received us with every courtesy and took us to his cabin situated under the quarter deck, having an enormous gun pointed towards the stern in the direction of the axle of the ship. By the two port-holes wide open on both sides and through that of the stern came in freely a fresh breeze of the afternoon mitigating the heat of a splendid sun.

The commander João Euzebio transmitted to commander Sullivan the rumours circulating on shore as to some blacks being imprisoned on board the *Daphne*, adding that he knew very well that these rumours were unfounded, as improbable and absurd, but that in any case he wished to have it categorically disproved by the commander himself. The latter replied, without delay, that in some of his previous voyages it was true that some blacks from the shore had voluntarily sought, in fact, on board the *Daphne* the protection of the british flag against bad treatment by their masters at Mozambique, a pro-

tection which he, the commander, considered he ought not to refuse, receiving them on board and taking them afterwards to Seychelles or other ports, where they voluntarily got into service under other masters; but that having thought over the matter and fearing that this might lead to a false interpretation and result in some misunderstanding with the Portuguese government, he had resolved not to take any further notice of any such complaints and had given to the second in command the necessary instructions to this effect.

The second in command having been called and questioned, he stated that the sentries on board had positive orders not to allow on board any blacks coming from the shore, even including those usually coming in the small boats to sell fish, shells, oranges et cœtera, adding that no black was therefore on board.

It is clear that, although exigent we mi-

ght have wished to be, we could not have helped being satisfied with such formal, peremptory and official declarations.

Upon this, commander João Euzebio asked leave to visit the whole ship, having taken a long time to go over and examine the decks, officers cabins, engine rooms and dépôts, inspecting the artillery and the handy armament, which the garrison made use of, firing some shots to show the excellence of the then new system of the Martiny Henry gun. After this visit, we returned on board the *Infante D. João*.

But the strange comedy had but just commenced.

That same night, at about 2 o'clock, I was on the watch and walking up and down on the upper part of the deck under the most sepulchral silence of the garrison, which was fast asleep. Only from time to time the sound of the hour was heard, given by the guard at the head of the ship, and the alert of the

sentries at the quarter deck ladders. The night was not moony but starlight and pleasant as are generally the tropical nights and especially those of Mozambique, inviting to profound cogitations and remembrances of past times. I was thus mentally travelling in the best of worlds, when I was suddenly awakened by afflictive cries heard in the water and at a certain distance towards the stern of the ship. I ordered a boat to be immediately lowered and to row in the direction whence the cries came, and the boat soon returned bringing two blacks which they had taken up and that were swimming in the direction of the *D. João*, running the risk of being devoured by the sharks.

One of the blacks spoke portuguese tolerably and was questioned by me as soon as he got over his fright and could speak, that is to say, after having dried himself externally with some clothes, that a sailor gave him, and internally with a dose of brandy which

I ordered to be given. The black declared that he was in the service of the land owner Celestino Feliciano de Menezes—that on the previous day he had been at the stairs of the quay bridge with a basket of oranges to sell to the sailors that appeared there, and that commander Sullivan of the british corvette had come there to get into his boat—that the latter invited him to go on board the *Daphne* with the oranges, where he would find an easier market than that of the quay bridge during such hot hours of the day. The black accepted the invitation in the best good faith and jumped in to the boat with the commander, and the boat made fast to the direction of H. B. M.'s noble ship. On his arrival on board, the black discovered that there is a great difference between promising and fulfilling a promise and that the honorable word of an english commander cannot be always relied upon. As soon as he got on the deck of the corvette, his oranges were provi-

sionally and summarily confiscated, besides which the bad luck and hard fate of the shady black was such, that he was incarcerated in the hole of the still darker and harder coal. The black added that he met therein thirteen more companions in misfortune, also enslaved by these philanthropes and who there endured long hours of torment. That during the night, however, wishing to give them some fresh air, they had been allowed to take a walk on deck and that it was then that, avoiding the vigilance of the sentries, he and his companion there present had thrown themselves over board, swimming to the Portuguese corvette.

I reported all this to the commander of the naval station, and he wrote on the morning of the 12th to commander Sullivan relating what had occurred and informing him of the assertions made by the blacks, that there were still other blacks imprisoned and concluding by asking him to put them in liberty.

Commander Sullivan tried at first to avoid replying to the portuguese commander, with the pretext that he was going to place himself in official communication with His Excellency the governor general, and he only replied after having received a second letter insisting on a reply.

Commander Sullivan then stated that it was true that he had some blacks on board, who swam to his ship on his coming to Mozambique on a previous occasion, but as they had now shown a wish to land, he would allow them to do so, as he had already done with others in an identical case. It should be remarked and it is lamentable to see the gross contradiction between the facts and the tenor of the letter written by commander Sullivan and what he had told us officially the day before, sheltering himself under the declaration of his next in command.

The official communication of commander João Euzebio de Oliveira to commander Su-

livan was taken by the now first lieutenant João Eduardo Schultz Xavier at 8 o'clock in the morning; and when his boat was approaching the ship, some blacks were seen on the deck of the *Daphne* trying to extricate themselves from the sailors, who were trying to prevent that they should throw themselves over board. Even so, one managed to get free from his detentors and threw himself into the water, having been taken up by the portuguese boat.

Shortly after this, a boat of the british corvette landed at campo de S^m Gabriel near the Fortress of S^m Sebastião de Moçambique eleven blacks and a black boy, who, as soon as they found themselves on land, began to run away from their pursuers, at least as fast, but with much greater reason, as commander Sullivan said they had sought his ship by swimming to it.

After this incident, the governor general recommended prudently and in writing to the

commander of the naval station, that if the *Daphne* should remain yet for some time at Mozambique, he should have the port patrolled by boats of the *Infante D. João*, so as to avoid that the *Daphne* should take any more black on her board. It was not however necessary, for the *Daphne* weighed anchor and left the port immediately.

Shortly after, commander Sullivan, whom his recent promotion entitled to the captainship of a higher man-of-war, was appointed to the command of the *London*, stationed at Zanzibar. A worthy prize to his brilliant doings!

I know that the governor general of Mozambique and the commander of the naval station reported the strange event to the Lisbon government, but about the action of our cabinet before the english government in order to obtain a due satisfaction, I know nothing.

I shall finish, saying that to the vigorous zeal of colonel Fernando Leal, governor ge-

neral of Mozambique and of the commander of the naval station J. E. d'Oliveira, we are indebted for the success in the aforesaid case. And I take the opportunity of subscribing myself

Your heartily

Augusto de Castilho.

Lisbon, 18, april, 1883.

NOTA II

(*A pag. 74*)

Isto não póde ir sem nota.

Vae em tres annos, escrevi eu algures ácerca de certo polygrapho uberrimo da tribu dos Picos de Mirandola, ou de Mirandella, porquanto ácerca do tal polygrapho — *on peut dire des deux manières*. N'esse escripto observei a tendencia do moderno Pico para illustrar com enormes annotações a mais trivial passagem dos seus livros. Dizia eu assim:

«Supponham, por exemplo, que elle começa, no alto de uma pagina, um periodo n'estes termos: — *Fui a Cacilhas* . . . Olhem logo para a parte inferior da pagina e lá verão *nota* ácerca da Outra-Banda, sua topographia, historia, tradições, uma completa

monographia emfim. No alto da pagina o periodo continúa:—*Montei n'um burro . . .* E hão de achar os leitores outra nota ácerca do burro, na qual o sabio, com a mais erudita gravidade, depois de chamar ao animal: *equus asinus*—por amor do latim zoologico—narra longa e minuciosamente a sua—*sua* do burro, entenda-se—narra as peregrinações do mencionado animal atravez do tempo e do espaço; de que modo o burro auxiliou as tribus nómadas em suas migrações primevas; esmiuça as relações de parentesco entre o burro, o onagro, a zebra, a quagga e o cavallo; cita Buffon, Pelletan (*La profession de foi*), Hugo (*Le crapaud, L'âne*), Balzac (*La peau de chagrin*), Janin (*L'âne mort*), Sterne (*A viagem sentimental*), e o padre José Agostinho (*Os burros*). Não se esquece da biblia e cita a burra de Balaão, a tal que fallou, como depois teem feito tantos dos seus congeneres bipedes; descreve a cavalgada em que Jesus montava quando entrou

em Jerusalem pela festa dos pães asimos e o burro chamado Yafur em que montava Mahomet quando não montava no seu macho Daidol; falla da cavalgadura manhosa, de cima da qual o rei Guilherme de Orange cahiu partindo o espinhaço—alimária á qual ainda hoje brindam, como conta Henrique Heine, os irlandezes do partido nacional catholico, em suas ágapes politicas, por odio á memoria d'aquelle rei. . . . Escreve, em summa, ainda e sempre em nota ao burro, tudo quanto sabe, e mais alguma coisa. Só lhe esquece descrever uma variedade asinina, a mais jumenticia e orneadora de todas: o burro bipede, *asinus bipes*».

Pois o tal prurido das longas annotações é, pelos modos, contagioso; cá o estou sentindo eu.—Ó Pico de Mirandella, consola-te, que estás vingado.

Mas esta nota é indispensavel.

A *Variante portugueza da palavra de Cambronne* é—repito o que disse no texto—uma

historia veridica, absolutamente veridica. É preciso, pois, que o seu historiographo seja escrupuloso de verdade, até mesmo nos por menores os mais insignificantes.

A verdade, que só agora me acudiu á mente, é que, dias antes da sahida do *Serapis*, eu me aproximei, n'um bote, d'esse navio—embora não houvesse entrado a seu bordo. Eis como foi o caso. Guilherme de Azevedo, o excellente e honradissimo homem de lettras, cujos restos descansam na terra santa de Paris, convidou-me uma bella manhã para a expedição fluvial. O bom Guilherme, com a sua ancia de modernidades, andava sempre inquieto á cata de assumpto novo para as suas chronicas, elle que era o Fernão Lopes ou o Damião de Goes do ultimo quartel do seculo XIX, o chronista-mór da decadencia lusitana—e esperava achar assumpto, n'aquelle dia, a bordo do *Serapis*. Encostado a um pilar de arcada no Terreiro do Paço, arrimado á bengala, com a sua po-

bre perna côxa suspensa e a mão espalmada n'aquella attitude tão d'elle em que Rafael Bordallo o pintou no *Album das glorias*, dizia-me:

—Venha você d'ahi ao *Serapis*.

—Eu? . . . Só se fôr para visitar os meus compatriotas, que veem a bordo.

—Quaes compatriotas?

—Os tigres e leões da India.

—Vamos então. Emquanto você mata as saúdades dos compatriotas, vou eu observando o leopardo real—o principe—e o resto da *ménagerie* ingleza: marujos e soldados . . .

Ah! é verdade, tambem lá tenho um compatriota a visitar.

—Como?

—O burro . . . o burro de Cintra.

Rimo'-nos, Guilherme com o seu riso triste que elle se esforçava por fazer alegre.

—Levar, como lembrança de Portugal, um burro e umas cadeiras de tabúa—é troça de inglez—ajuntou elle.

—Pois se pouco mais tem a levar . . . depois de Bombaim, de Ceylão e do resto!— observei eu.

—O que você diz suggere-me esta ideia: que o principe leva o burro, como um symbolo da diplomacia lusa nas suas relações com a Inglaterra.

—Isso, isso . . . E nós, em desaggravo, deveríamos mandar Sua Alteza—á materia prima das taes cadeiras.

—Você embirra muito com os inglezes?

—Eu lhe digo: não tenho por elles a sympathia admirativa que lhes votam o Ramalho e os macaqueadores do Ramalho.

—Você não diga mal do Ramalho, que é dos nossos melhores espiritos, dos raros bons. Você não gosta das *Farpas*?

—Muito. E do Ramalho mesmo não desgosto, apesar das suas *poses*. O que lhe não posso tolerar é essa ridicula anglomania, aguda e chronica.

—Mas o que elle aprecia nos inglezes é o

que os inglezes teem de bom—a saúde, a força, a actividade, a solidez.

—A solidez ! Podéra não a terem . . . com aquelles pés ! E a saúde ! você sabe que uma condição indispensavel de saúde é uma boa dentadura para mastigar e digerir bem. Ora todo o inglez tem dentes . . . de cavallo, e a ingleza . . .

—De egua—rematou Guilherme.

E, dizendo isso, poz-se a correr em direcção ao caes.

Hão-de ter observado que todos os côxos andam, de ordinario, mais rapidamente do que a gente com boas pernas. Talvez por uma razão semelhante áquella que deu á tartaruga da fábula o ganho da aposta com a lebre. Com alguns saltos á vara sobre a perna sã, chegava Guilherme de Azevedo ao caes das Columns, e eu atraz d'elle. Foi no bote comnosco o snr. Cesario Verde.

Chegámos a poucos metros do *Scrapis*. O Tejo estava turvo como a consciencia

dos politicos. Havia algum carneirinho. Do transporte principesco vinham emanações nauseantes de carvão, de oleo, de comesaina e do esterco de todos os animaes encerrados n'aquella arca de Noé. Arca de Noé—duplamente — por conter tanta variedade de bestas, e por a gente n'ella contida ser da que tanto gosta do licôr que fez as delicias e a vergonha do mencionado patriarcha. — Entre parenthesis: ainda nenhum sabio—das Escripturas ou não—algum germano, ou só germanizado como o famoso Adolfo, explicou, que eu saiba, o motivo porque o Noé gostou tanto de vinho. Pois eu offereço a todos os Adolfos possiveis esta simples explicação, e vem a ser que—de agua estava o Noé farto, depois do diluvio. Se a minha explicação é soffrivelmente chôcha e semsaborona, parece-se muito com as dissertações dos sabios — e tem, sobre ellas, algumas vantagens: é mais breve, mais clara e menos estopante.

Fecho o parenthesis.

O poeta da *Alma nova* começou, de repente, a sentir-se muito incommodado. A sua face trigueira fez-se livida. Bagas de suor frio escorriam-lhe da testa. Era o enjôo. Eu, com pena do pobre rapaz, e sabendo por experiencia adquirida em mais longas navegações, que se não conhece para o terrivel incommodo senão um remedio efficaz—o desembarque—recommendei-lhe, como um palliativo—que mettesse dois dedos nas guelas. Elle hesitava e o seu enjôo crescia. Marujos inglezes, nas barcaças repletas de viveres atracadas ao *Serapis*, observando os esgares a que a nausea obrigava Guilherme, riam-se estupidamente, com aquelle riso guttural que lembra o grunhir dos porcos e que nenhuma laringe humana, excepto a de um anglo-saxão, é capaz de emittir ou de imitar. Para distrahir o enjoado, declamei-lhe, com inexcedivel oportunidade, uma d'aquellas

estancias do *Don Juan*, de Byron, que descrevem o enjôo do seductor sevilhano:

*He felt that chilling heaviness of heart,
Or rather stomach, which, alas ! attends,
Beyond the best apothecary's art,
The loss of love, the treachery of friends,
Or death of those we dote on, when a part
Of us dies with them as each fond hope ends:
No doubt he would have been much more pathetic,
But the sea acted as a strong emetic.*

Como a oitava byroniana não dêsse allivio sensível ao estomago do nauseado poeta portuguez, e reparando eu que uma barçaça, pegada ao nosso bote, estava carregada de laranjas, pedi uma para Guilherme a um rosado e loiro grumete, o qual, depois de alguma reluctancia, dignou-se dar-m'a — com uma gravidade e altivez impagaveis.

Estendi-lhe uma moeda de 200 réis, que, diga-se a verdade, o moço não acceitou. Entretanto, Guilherme lançava . . . a carga ao mar. Depois, mordeu na laranja; mas

continuando a sentir-se incommodado, voltámos immediatamente para terra.

E ahí está, singelamente, como se frustrou a visita ao *Serapis*—do que, aliás, não me ficou a menor pena; e fica assim rectificada a passagem da pag. 74, a que esta nota corresponde.

NOTA III

(A pag. 80)

A propósito de varias, von archivar, n esta nota, um soneto que fiz, ha dias, ten- do uma noticia em um jornal do Porto. Pare- ce-me vir de molde o soneto. Previno po- rém as leituras pavidas, especialmente as lis- doctas, que o não leiam, embora n'esses versos eu lhes diga: *Wawa*—*Wawa*—se de preferencia na contemplação beatifica do seu livro de *Wawa*—se estão na presença dos seus futuros ou dos seus passados—e, se não estão com elles, dêem-se à leitura seraf- ca da *Wawa*, por exemplo. Porque, minhas senhoras, eu tenho a honra de lhes declarar que o meu soneto é o que ha de mais brutal, plebeu, selvagem e até barbato—para vos- sas excellencias, que frequentam a *Vivanda*,

NOTA III

(Á pag. 86)

A proposito de varinas, vou archivar, n'esta nota, um soneto que fiz, ha dias, lendo uma noticia em um jornal do Porto. Parece-me vir de molde o soneto. Previno porém as leitoras *prudcs*, especialmente as lisboetas, que o não leiam, embora n'esses versos eu lhes diga: *oiçam*.—Engolfem-se de preferencia na contemplação beatifica do seu livro de *Horas*—se estão na presença dos seus futuros ou dos seus passados—e, se não estão com elles, dêem-se á leitura serafica da *Nana*, por exemplo. Porque, minhas senhoras, eu tenho a honra de lhes declarar que o meu soneto é o que ha de mais brutal, plebeu, selvagem e até barbaro—para vossas excellencias, que frequentam a *Trindade*,

o *Colyseu*, *S. Luiz* e outras casas de virtude requintada. E, comtudo, a minha pobre composição obedece apenas a um fervoroso almejar pelo enrijamento de uma raça degenerada. Em todo o caso, vv. exc.^{as} estão prevenidas. Fechem, pois, os seus lindos olhos, ou, se lhes parece, arregalem-n'os, ó Evas. . . de cuia, para este fructo prohibido.

Eil-o:

SONETO HUMANO

Anémicas senhoras de Lisboa,
Oçam isto que é bello, nobre e santo,
Isto que ha de causar-lhes vivo espanto,
Tamãha inveja que talvez lhes dôa;

Os que as amam, comparam-n'as a Venus,
Filha dô mar; ó filhas d'um mar morto,
Oçam o que hoje, n'um jornal do Porto,
Contente eu lia, pouco mais ou menos:

Hontem, no largo da Senhora a Branca,
Uma ovarina d'ampla e fertil anca,
Qual vacca dando á luz um bom novillo,

Poisou um cántaro, e, sem mais aquella,
Pariu uma creança forte e bella.
—Bem dita seja a mãe, bem dito o filho!



OBRAS DE FERNANDO LEAL

VIAGEM NA AFRICA AUSTRAL: *do interior do Transvaal á bahia de Lourenço Marques.*

—Publicada no «Boletim official de Moçambique» — collecções de 1870 e 71.

REFLEXOS E PENUMBRAS: *volume de versos, traduzidos de V. Hugo e originaes.*

L'IMMORALITÉ PARISIENNE. — Com pseudonymo.

ELEPHANTES E MONSTROS: *novela de Méry, traducção annotada.* — Com pseudonymo.

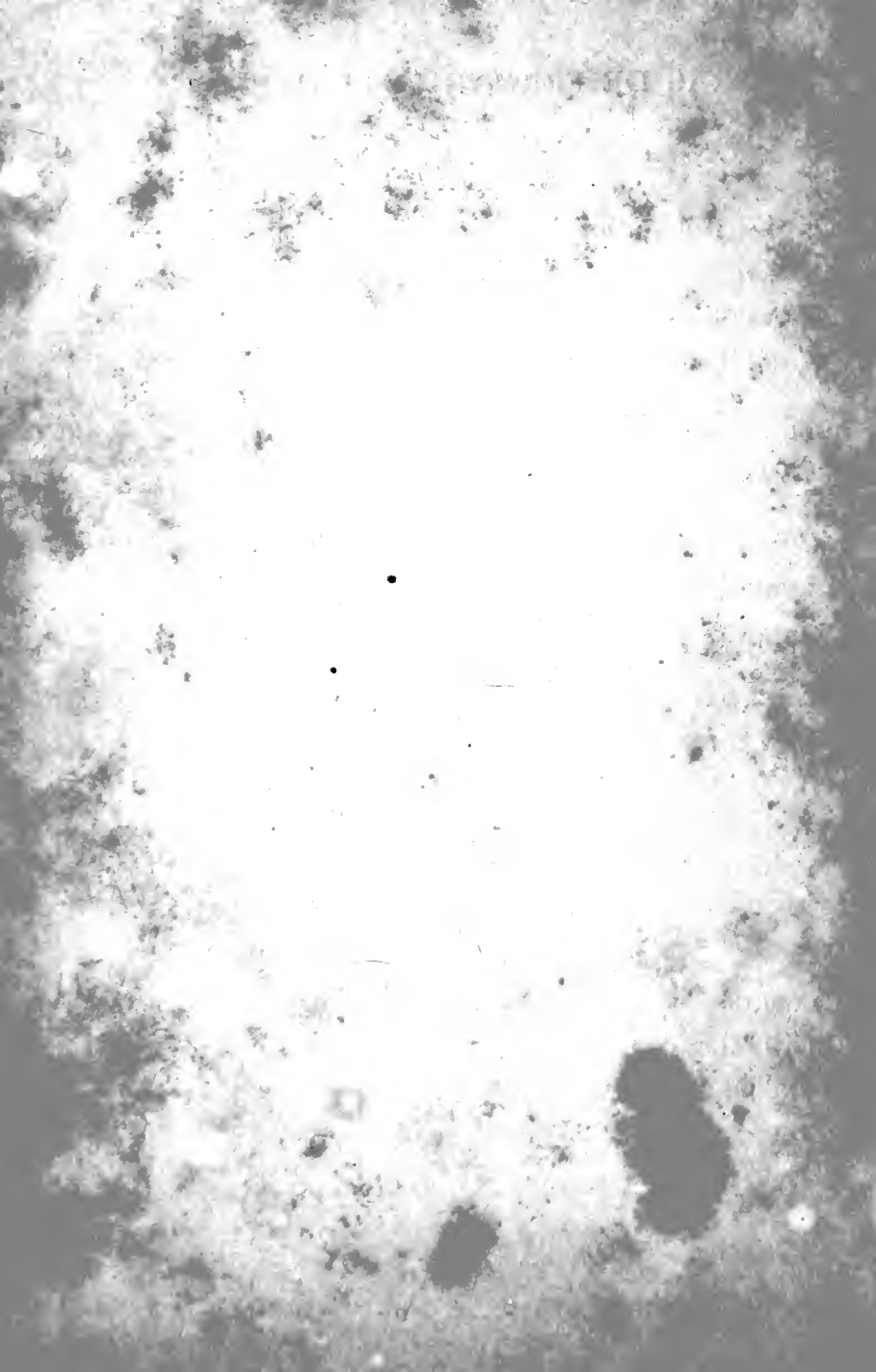
PALMADAS NA PANÇA DE JOHN BULL.

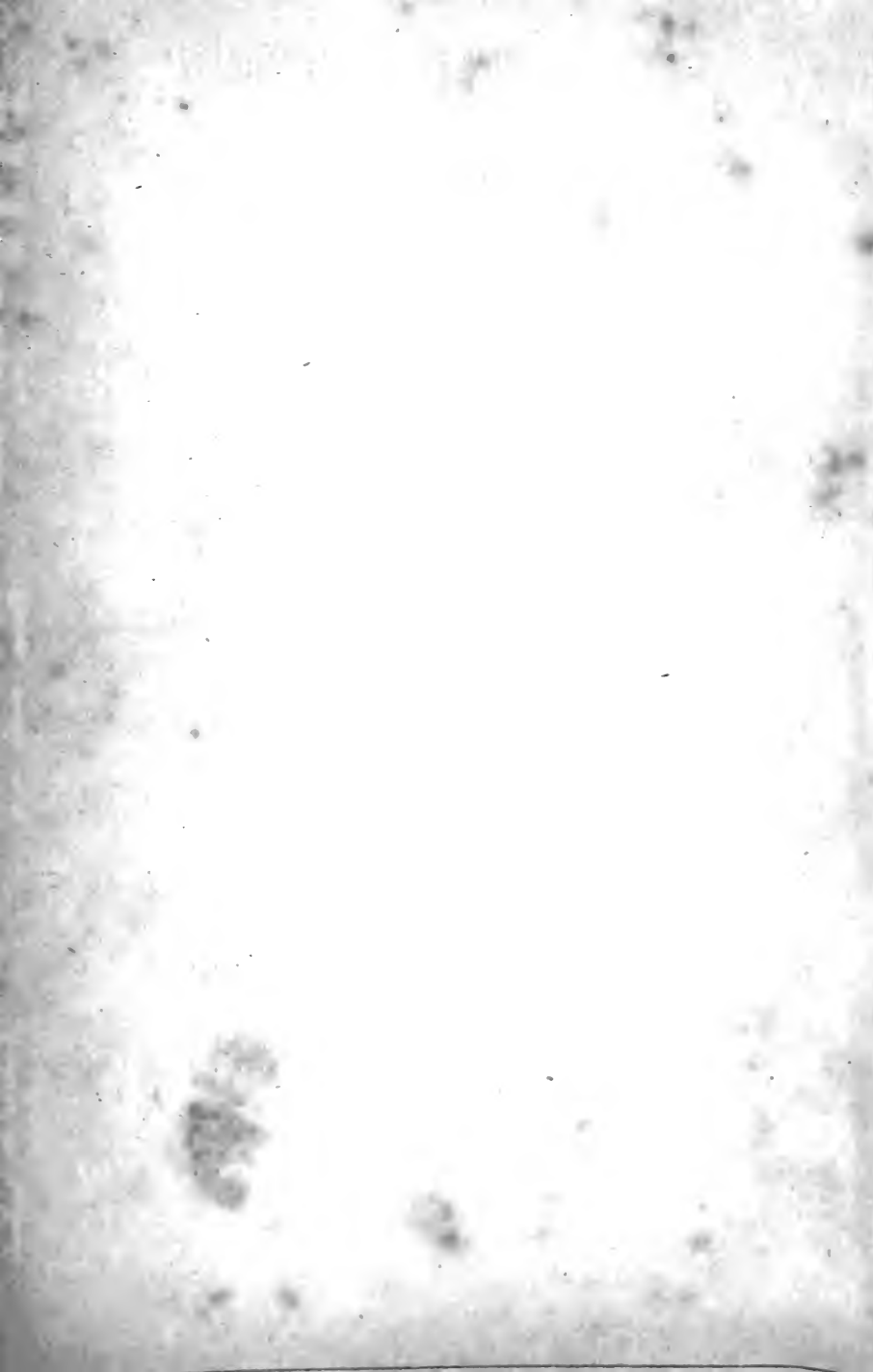
A PUBLICAR-SE:

O LEPROSO — *poema dramatico.*

RELÁMPAGOS — *versos.*

FOGOS DE SANTELMO — *prosa.*





GRANDE LIVRARIA PAULISTA
DE
TEIXEIRA & IRMÃO

54 A—RUA DE S. BENTO—54 A

S. PAULO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

D. LUIZ DE PORTUGAL	2\$000 réis
O GENERAL CARLOS RIBEIRO.	1\$200 réis
O VINHO DO PORTO.	1\$500 réis

DO MESMO AUCTOR

A ENTRAR NO PRÉLO

OS BROCAS

Romance

FERNANDO LEAL

PALMADAS NA PANÇA DE JOHN BULL.	1\$500 réis
---	-------------

DR. EMYGDIO NAVARRO

QUATRO DIAS NA SERRA DA ESTRELLA (Um grande volume com 12 phototypias)	4\$000 réis
--	-------------

NUNES D'AZEVEDO

CONTOS MODERNOS	1\$500 réis
---------------------------	-------------

A. GAMA

A COMEDIA A SÉRIO	1\$500 réis
-----------------------------	-------------

ALFREDO CAMPOS

A FILHA DO CABINDA (2. ^a edição).	1\$500 réis
--	-------------

Z. CONSIGLIERI PEDROZO

AS GRANDES ÉPOCAS DA HISTORIA UNIVERSAL (O mundo Oriental).—Um grande volume	3\$500 réis
--	-------------

VISCONDE DE VILLAS-FORTES

O REI DOS NAVEGANTES.—Romance historico-marítimo	1\$200 réis
--	-------------

4/7/11

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

JA Leal, Fernando
540 Felmatas na banga de John
L35 Bull

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 23 11 05 002 0